

Departamento de Artes da Imagem

Mestrado em Comunicação Audiovisual

A CONSTRUÇÃO DO REAL NO DOCUMENTÁRIO

Rui Pedro Lamy

Projeto para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Audiovisual
Especialização Fotografia e Cinema Documental
Professores Orientadores
José Quinta Ferreira
Pedro Senna Nunes

Palavras Chave:

Sagrado, cinema, natureza, imaginário, culturas antigas

Resumo:

Este projeto surge de um processo de investigação individual em volta de questões relacionadas com O Sagrado, a sua apropriação e a nossa ligação com a Natureza.

De que forma o Homem, na sua evolução, se foi afastando do meio mais natural e de que modo isso moldou a sua própria comunicação com o Divino é um dos principais pontos de reflexão, deste projeto.

Através da produção de um documentário, baseado numa estrutura narrativa de som e imagens, procuro criar um conjunto de reflexões que ajudem a perceber como estão estes fatores retratados na cultura e em locais de tradição Portuguesa.

Este ensaio pretende apresentar as diferentes áreas de investigação para a concretização deste documentário, assim como, suportar todas as decisões técnicas e conceptuais tomadas, enquanto realizador deste projeto.

Keywords:

Sacred, cinema, nature, imaginary, ancient cultures

Abstract:

This project arises from an individual research process around issues related to the Sacred, its ownership and our connection with nature, as humankind.

How man, during its evolution, grew apart from the natural environment and how it shaped his own communication with the Divine are the main points of reflection of this project.

By producing a documentary based on a narrative structure of sound and images, the goal is to create a set of reflections that help to understand how these factors are portrayed in the culture and tradition of Portuguese sites.

This essay aims to present the different research areas to achieve this documentary, as well as support all technical and conceptual decisions as the director of this project.

Primeiro que tudo, gostaria de dedicar todo este trabalho à minha família e aos meus amigos. Seguidamente, a todas as pessoas que me ajudaram a desenvolver este projeto, à minha equipa de filmagens, e a todas as pessoas envolvidas desde a pré-produção, até ao momento crucial de revisão das palavras deste ensaio.
O meu muito Obrigado.

Índice

1. INTRODUÇÃO	9
1.1. MOTIVAÇÃO PESSOAL E PRIMEIROS PASSOS PARA A REALIZAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO IMAGO	10
1ª PARTE	15
O SAGRADO, A SUA APROPRIAÇÃO E A NOSSA LIGAÇÃO COM A NATUREZA	15
2. METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO PARA O DOCUMENTÁRIO IMAGO	15
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL DO TEMA	15
2.2. A IMPORTÂNCIA DO SAGRADO	17
2.3. A MATRIZ CELTA E INDO-EUROPEIA	21
3. O MUNDO IMAGINAL DOS MITOS E DOS ARQUÉTIPOS	24
3.1. A ORIGEM DO NOME IMAGO	27
4. A IMPORTÂNCIA DOS LUGARES SAGRADOS	28
4.1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA PENÍNSULA IBÉRICA	28
4.2. GEOBIOLOGIA	30
4.3. LINHAS LEY	32
5. A HERANÇA DO PAGANISMO E A CONSEQUÊNCIA NO NOSSO IMAGINÁRIO	34
2ª PARTE	37
A CONSTRUÇÃO DO REAL: DA ANTROPOLOGIA À POESIA DAS IMAGENS	37
6. DA ANTROPOLOGIA À POESIA DAS IMAGENS	37
7. A VISÃO DO AUTOR NA ESTRUTURA NARRATIVA	39
7.1. ESTRUTURA NARRATIVA COM BASE NA INVESTIGAÇÃO	39
7.1.1. O ARQUÉTIPO DA ÁRVORE	40
7.1.2. O ELEMENTO FEMININO (PERSONAGEM)	41
7.1.3. OS TRÊS MUNDOS	41
8. A VOZ DO DOCUMENTÁRIO E UM DOCUMENTÁRIO SEM NARRAÇÃO	47
9. CONCLUSÃO	49
10. BIBLIOGRAFIA	51

1. Introdução

No decorrer destas páginas irei abordar questões relacionadas com o meu trabalho de investigação para o documentário Imago, assim como as metodologias de realização e produção utilizadas, defendendo as opções tomadas e apresentando um número significativo de elementos que possam exemplificar as estratégias de produção e realização deste projeto.

Assim sendo, num primeiro capítulo: “O Sagrado, a sua apropriação e a nossa ligação com a Natureza” irei abordar questões relacionadas com o significado do Sagrado, na nossa cultura e em culturas anteriores, fazendo por refletir sobre a sua apropriação e sobre a forma como ditou a nossa relação com a Natureza e connosco próprios.

É um tema complexo mas, a meu ver, bastante relevante. Não sendo licenciado em História e em Antropologia irei basear-me em alguns autores para sustentar a minha investigação e posterior apresentação da minha visão autoral, para a criação deste documentário.

Citando David MacDougall:

“Para mim, fazer filmes é parte da minha vida, é uma forma de me relacionar com o mundo, com outras pessoas. Sem a câmara eu nunca teria aprendido as coisas que aprendi.” (Caiuby & Municipal, 2007, p. 181)

Fundamento-me nesta ideia, para justificar que o tema escolhido para a realização deste documentário se traduz na minha vontade em descobrir mais acerca do mesmo, ou seja, na consolidação do meu próprio conhecimento. Através da ferramenta que melhor conheço, a imagem, neste caso a imagem em movimento, pretendo descobrir e dar a conhecer mais acerca de uma temática que considero ser de enorme importância e que, de certa forma, tem acompanhado o ser humano desde o início da sua existência, podendo mesmo ser a chave para muitos problemas existentes na atualidade.

Pretendo, assim, usar os meus conhecimentos cinematográficos para, através de uma visão de autor, poder transmitir o meu ponto de vista acerca de determinadas questões.

Num segundo capítulo: “A construção do real: da antropologia à poesia das imagens”, irei abordar questões relacionadas com os próprios desafios com os quais me deparei, enquanto realizador, para a criação de um documentário com estas características. Farei por apresentar os meus próprios exemplos, assim como fundamentar algumas das minhas opções com outros autores.

Todo este documentário é, desde o início, um desafio que coloquei a mim mesmo, enquanto realizador, o de conseguir realizar um filme, na própria dramaturgia do som e das imagens.

Abordarei questões relacionadas com a voz do documentário, cruzando esse fator com as dificuldades que encontrei em transpor todo o processo de investigação, descrevendo-o em som e imagens, apagando a minha presença.

Encontro assim, uma forma significativa de cruzar todo o meu processo de investigação para a realização deste documentário, abordando áreas como a Antropologia, a História, a Antropologia do Imaginário, as Ciências da Religião entre outras, transcrevendo a informação coligida para um objeto audiovisual de carácter documental, visual e sonoro, que tem como objetivo dar a conhecer lugares e tradições místicas e mágicas de um Portugal que necessita de ser lembrado.

1.1. Motivação Pessoal e Primeiros Passos para a realização do Documentário Imago

Sempre me fascinaram as Antigas Culturas. Anteriormente, tive a possibilidade de realizar projetos, quer fotográficos, quer de carácter documental com ligação a antigas culturas como a civilização Maia, Azteca, Olmeca e a Romana. É uma área de trabalho e de investigação que me fascina, porque de alguma maneira, cada uma dessas antigas culturas eram portadoras de uma mundividência especial e de uma tecnologia própria e, em muitos casos, bastante avançada. Muitas das suas manifestações ao longo do tempo e por todo o planeta intrigaram historiadores e arqueólogos devido ao facto de, naquela altura, já serem muitas delas portadoras de um enorme conhecimento científico e matemático e que, ainda hoje, levanta questões acerca da sua origem. Parece que, de certa forma, existiu alguma rutura nos processos de evolução e de passagem de informação do conhecimento, de tecnologias e saberes ao longo das décadas e entre todos esses povos. O que levanta a seguinte questão: qual foi o motivo dessa rutura, e o porquê de muita dessa informação ter sido perdida?

Na minha opinião, muita dessa sabedoria existente na tecnologia demonstrada por esses povos antigos (refiro-me a povos como os Egípcios, os Aztecas, os Maias, os Sumérios, os Romanos os Celtas e mesmo os nossos Lusitanos) deriva, entre outras coisas, de uma relação particular com a Natureza, uma simbiose misteriosa e direta.

Todos estes povos tinham uma leitura ampla do Cosmos e uma comunicação com o Divino bem diferente da que temos, hoje em dia. Sacralizavam os momentos e os lugares de uma forma que não é praticada, há muito tempo, pelo menos na nossa sociedade.

Começando pelo simples facto de todos estes povos ou a sua grande maioria serem politeístas e fazerem rituais de comunhão com a Natureza, a Deusa-Mãe. Logo, a sua ligação com o Feminino, o Masculino, os Deuses e Deusas, era outra. Facilmente identificaram a

complexidade de toda a Criação e a noção de que no seguimento de um Deus, Criador de Tudo e de Todos, existiam outros seres, os Deuses feitos à imagem do homem e com poderes relacionados com os fenómenos naturais. Era assim no Antigo Egito, na Roma Antiga, em toda a civilização Maia e Azteca e foi assim, durante centenas de anos, na Península Ibérica.

“Contrariamente ao que vulgarmente se crê, os povos da antiguidade que eram evidentemente politeístas, como o egípcio, o grego ou o romano, não negavam o que o próprio ‘instinto espiritual’ nos dita sobre a existência de uma Essência única, só que, ao não poderem entendê-la e ao verem como está estruturada a própria Natureza, perceberam que entre esse Mistério Absoluto e o Homem tinham de existir miríades de intermediários, alguns esotéricos como o Atum egípcio, o Zen grego e o Todo Romano. Mas também gozavam das aventuras e sapiências dos Génios Tutelares, os Olímpicos, as Musas e os Lares. Isto trazia flexibilidade à vida favorecia a distensão e a expressão do subconsciente, animado por um alegre inconsciente coletivo. Tudo o que se referisse aos Deuses poderia ser de extrema importância, mas não necessariamente austero ou trágico. Não se fazia culto à morte mas sim à vida, sem ignorar a primeira, mas sem lhe dar um sentido sombrio; não se concebia um Deus, vingativo e ameaçador, único e só, que tem mais de polícia do que de pai.”(Loução, 2007, p. 243)

Na minha análise a este trabalho, apenas me irei concentrar nos povos que habitaram a Península Ibérica, mais propriamente, a região de Portugal Continental. Contudo, a nível histórico e antropológico, pensar Portugal omitindo Espanha é errado. A Península Ibérica, na antiguidade, era uma região única, onde existiu um cruzamento enorme de povos oriundos da Europa Central, do Mediterrâneo e quem sabe até mesmo vindos do Atlântico, oferecendo a este retângulo peninsular uma mistura muito rica de saberes.

Posto isto, e voltando à linha anterior de raciocínio, o meu ponto principal de fascínio são então essas antigas culturas e o que delas reside em nós, Povo Português.

Citando João e Augusto Ferreira do Amaral:

“« A nossa história não começa com D. Afonso Henriques. No século XII tem já milênios e a Idade Média Portuguesa nunca poderá ser entendida se não for enquadrada numa longa tradição civilizacional para a qual os obscuros indo-europeus do II milênio a. C. e vários outros povos pré-romanos deram afinal uma contribuição fundamental.»”(Loução, 2007, p. 249)

Sempre que viajo, por exemplo, para o Norte e Nordeste Transmontano, fico fascinado com o saber e as tradições populares. Muito para além da genuinidade e calor humano, fascina-me todo o saber oculto e as suas tradições. Sempre me questioneei acerca da origem desses saberes e tradições e acerca do motivo pelo qual muitos deles deixaram de existir ou, por vezes, parecerem tão ambíguos.

Para a realização do documentário Imago, para além de muitos textos escritos e livros que li, coloquei-me à estrada para efetuar a minha própria investigação e poder usufruir das vivências de muitas dessas tradições ainda existentes e praticadas, essencialmente, na altura do Natal, Passagem de Ano e Carnaval, principalmente no Nordeste Transmontano e na Beira Alta. Movia-me a vontade de querer entender e sentir toda a mística em redor daqueles montes escondidos.

Sempre me questioneei porque haveria tradições com máscaras e rituais, com danças guerreiras, comemoradas em datas específicas de celebração cristã. Sempre achei este facto fascinante, mas ao mesmo tempo estranho. Para além disso, questiono-me ainda, para onde foi todo o saber relacionado com “o saber curar”, as chamadas “mezinhas”, conhecimento amplo das plantas e sua relação direta com o nosso organismo.

O que aconteceu e porque é que esse saber não perdurou?

No decorrer de todos estes meses, as peças começaram a juntar-se e o processo passou a fazer mais sentido, dentro de mim. Todo aquele saber e todas aquelas tradições, de alguma forma, acabaram por sofrer, ao longo do tempo, um processo de aculturação. Isso começou por ser evidente nos rituais e nas festividades, mas rapidamente, pude verificar que esse processo de aculturação existe em outras faces e saberes, assim como nos lugares sagrados, na própria sabedoria popular e na própria forma de interpretar o Sagrado.

Os processos de aculturação são, de certa forma, comuns na antiguidade. À civilização vencida através de uma batalha ou confronto, sobrepõe-se o saber da civilização vencedora. Os livros de História acabam por ser escritos pela civilização vencedora, o que significa que cerca de metade do saber existente no confronto entre duas culturas, se perde. Foi, de certa forma, o que aconteceu no território Português com a conquista do Império Romano e com a introdução do Cristianismo como “religião oficial”.

Estes processos de aculturação comuns na antiguidade, o processo de colonização e apropriação do território e da cultura eram processos naturais. Contudo, a forma como o Cristianismo se introduziu em diversas regiões não foi propriamente amigável e a força com que quis anular todas as tradições não consideradas cristãs foi imensa, diabolizando as práticas alheias à sua doutrina.

“Dizia o Conde Joseph de Maistre que «todo o paganismo não é mais de que um sistema de verdades corrompidas e desordenadas. É suficiente, digamos assim, poli-las e ordená-las para vê-las resplandecer com toda a sua luz.» quer dizer, ao estudo dos lugares e textos sagrados dos antigos devemos juntar também a análise interpretativa das lendas, festividades e rituais populares nesta necessária demanda pelos saberes perdidos.” (Loução, Martinez, & Callejo, 2007, p. 16)

Porém, como poderei justificar, posteriormente, a vertente do Cristianismo que chegou até nós era já bastante ausente dos seus mistérios e da sua sabedoria e práticas mais profundas. Este e outros fatores fizeram com que não tivesse a força necessária para anular completamente todas essas tradições milenares e de comunhão com a Natureza, praticadas por outros povos, ao longo de centenas de anos, no território da Península Ibérica.

“De facto, muitos elementos das tradições religiosas pré-cristãs subsistiram devido a obstinação popular, sendo umas absorvidas pelo cristianismo oficial, mantendo-se outras de uma forma quase clandestina à margem das autoridades.”(Loução, 2007, p. 233)

Sendo assim, encontrei-me num ponto em que senti que tinha elementos suficientes para a construção de um documentário tendo como ponto de partida, a relação do Homem com a Natureza e a transformação dessa ligação, por parte da apropriação do Sagrado, com a chegada do Cristianismo.

Para a realização deste projeto, a opção foi a de investigar e identificar locais onde pudesse mostrar essa aculturação e apropriação do Sagrado, quer em locais sagrados ou tradições, fazendo por criar uma narrativa que fosse “beber ao real” todo um conjunto de informações necessárias, ou seja, preservando todo o seu carácter etnográfico e antropológico, mas transmitindo o meu ponto de vista de autor.

Quero referir ainda, nesta primeira nota de intenções, que este projeto foi realizado num período bastante curto, dado estar inserido num projeto académico e, sendo assim, as minhas opções e decisões tiveram de ser ajustadas, consoante o tempo e o calendário anual para o desenvolvimento do mesmo. Como tal, no que respeita às festividades a escolha recaiu sobre as praticadas durante os meses de Inverno já que, para toda a estrutura, não poderia escolher festividades que aconteçam durante o verão, como procissões ou romarias, pela proximidade com a data de entrega deste projeto. Não poderia esperar tanto tempo para a construção e a captação de elementos tão fundamentais para a narrativa.

Posto isto, a minha escolha em determinado momento do filme, será apresentada, em estreita relação com a apropriação de determinados lugares Sagrados, que sofreram ou não aculturação. Optei por isso porque os lugares são fixos, não se movem, ou seja, poderia filmá-los ao longo de todo o ano. No que diz respeito a festividades, cristãs ou pagãs, selecionei as que servissem a narrativa do filme e que ocorressem antes dos meses de Maio e Junho, meses em que comecei a reunir grande parte do material final filmado.

Paralelamente a esta opção e a toda a intenção da mensagem do filme é, para mim, de extrema importância poder registar, documentar e divulgar esses lugares sagrados, numa

altura em que se encontram em atividade, ainda que em diferentes estados de conservação. Não querendo com isto fazer nenhum tipo de divulgação turística, mas com o intuito de difundir e divulgar algum do património histórico relevante do nosso país.

Farei por esclarecer melhor todo o processo de investigação, bem como aprofundar certos temas que sustentam o projeto nos capítulos seguintes.

1ª Parte

O Sagrado, a sua apropriação e a nossa ligação com a Natureza

2. Metodologias de Investigação para o Documentário Imago

Como tive oportunidade de referir, anteriormente, irei dedicar uma parte significativa deste trabalho, apresentando e explicando as razões que me levaram a escolher este tema de investigação.

Os diversos temas que me levaram a escolher este ponto de vista são complexos e de áreas de investigação que não domino, na totalidade. Como tal, terei de fundamentar-me em autores especializados, cujas citações retirei de diferentes livros e textos que fui lendo, para adquirir toda a informação.

Conto fazer uma seleção explícita, que seja perceptível e que permita, no final, retirar conclusões que possam ajudar a compreender melhor o ponto de vista que me leva à realização deste documentário.

2.1. Contextualização inicial do Tema

“«A função simbólica, vital para a nossa aspiração a relacionarmo-nos com o divino, parece cada vez mais ausente da nossa vida, sendo objecto duma profunda ignorância e dum lamentável desconhecimento na educação actual. Se eu tomar como exemplo os rituais de iniciação que existem em todas as culturas desde os primórdios da humanidade, constato que deixaram de ser praticados ou, em certos casos, foram desviados da sua primeira significação fundamental. O seu desaparecimento, segundo penso, vai dar origem a somatizações e a crises graves. Quantas doenças não correspondem na verdade, metaforicamente, a uma carência do simbólico na vida da criança, do adolescente e do adulto, por estar ferida a sua relação com o universo»” (Loução et al., 2007, p. 24)

A nossa comunicação com o Divino e a nossa noção de Sagrado têm vindo a alterar-se drasticamente, ao longo do tempo. Desde os rituais de iniciação elaborados por antigas culturas, até à quase ausência de rito no Homem moderno, existe uma significativa distância temporal.

Relativamente às antigas culturas, todas elas, praticavam rituais de iniciação. Considerados bárbaros aos olhos das culturas rivais e aos nossos próprios olhos, na sua essência não eram mais do que a manifestação da sua comunhão com o Ser e com a própria Natureza.

Devemos imaginar que os diferentes povos, nas diferentes épocas, passaram por estados distintos de relação com o Sagrado.

“Na realidade, para se compreender o ambiente mental que rodeava o homem da civilização megalítica, temos de imaginar a sua consciência da interioridade e a integração vivente na dimensão invisível da Natureza. Era um homem interiorizado que, no meio do silêncio dialogava com os elementos dando menos importância à forma do que à vida – talvez pudéssemos dizer que trabalhava mais nas formas dos corpos subtis. É um exercício difícil para nós entrarmos nessa dimensão, quando hoje em dia vivemos no extremo oposto sendo excessivamente ‘exteriorizados’ e dando uma importância patológica (por excesso) à forma. Isto é, preocupamo-nos quase exclusivamente com o parecer, queremos «mostrar uma boa imagem» a todo o custo, mas não vivificamos a forma, não lhe damos conteúdo e essa incoerência cria-nos um conflito interior, causa-nos neuroses, e continuamos à procura de soluções exteriores, ao invés de «retirarmos a poeira» que ofusca a nossa «perola da vida». É evidente que a forma é importante, mas como veículo cada vez mais apto a conteúdos progressivamente mais subtis, pois se a forma não é vivificada torna-se vazia, estéril, e perde o sentido da sua existência. Pelo contrário, a coerência entre forma e vida gera saltos de consciência. Existe uma relação misteriosa entre consciência-vida-forma.” (Loução et al., 2007, p. 85)

Muitas alterações ocorreram, deste então. O ponto onde farei por incidir é o de que os povos antigos, ao longo do tempo, não tendo computadores, nem acesso a informação digital, tinham acesso a outro tipo de informação que lhes permitia criar determinada tecnologia para poderem analisar o meio que os circundava.

Toda a sabedoria existente nesses povos da antiguidade e que fascina o Homem moderno não surgiu espontaneamente. Deriva de centenas de anos, da própria evolução civilizacional, da especificidade de cada povo e da prática dos seus ritos.

Pode assim dizer-se que o afastamento do Divino, o nosso desaparecimento como Seres frente aos grandes encontros com o Sagrado, através de rituais de iniciação na Natureza, praticados ao longo de centenas de anos por diferentes povos tem-nos privado de uma certa comunicação com a fonte de Toda a Informação. Esse afastamento poderá ser mesmo um dos principais motivos de atraso ou de desvio da nossa rota e propósito inicial como Seres Humanos.

Penso que existem provas bastante evidentes, basta olharmos para a atual realidade do planeta. Exemplo disso são as constantes guerras ainda existentes nos nossos dias, os

problemas ecológicos e o aquecimento global, a informação completamente mediatizada que mais parece desinformação ou contrainformação, a ausência de qualquer tipo de ligação com o mundo espiritual ou o seu contacto através de uma espécie de propaganda também ela mediatizada e corrompida e, por vezes, de acesso demasiado dispendioso.

Todas estas questões nos devem fazer refletir sobre o nosso verdadeiro papel no planeta que habitamos, onde respiramos e criamos laços, mas que consumimos e destruimos a cada milésima de segundo. Penso que, como Seres Humanos, deveríamos parar e sentir cada vez mais a Terra e conseqüentemente a nós mesmos.

Contudo, são diversos fatores como o stress e a vida citadina carregada de obrigações e projetos que, de certa forma, nos bloqueiam a comunicação com o Sagrado. No entanto, Ele está sempre presente.

2.2. A importância do Sagrado

"Portugal ainda tem um património riquíssimo ao nível das tradições vivas. Urge realizar com determinação um longo trabalho hermenêutico e divulgá-lo aos jovens. No futuro não bastará o sentimento, não bastará repetir porque é tradição, é necessário conhecer um significado mais profundo do rito e, a partir dessa constatação anamnésica, tendo a cabeça e o coração em sintonia, renovar a vivência do Sagrado." (Loução, 2007, p. 26)

De facto, por todo Portugal, existem elementos que me permitem fazer essa ligação de comunicação com o Sagrado. Começando pelos imensos lugares sagrados e de poder que cruzam diferentes Eras, desde monumentos megalíticos como cromeleques, dolmens, antas, menires, a um enorme número de Igrejas, Catedrais, Mosteiros Conventos e Santuários, todos eles sinónimo de manifestação e comunicação com o Divino. Para além disso, há todo um ciclo anual de festividades cristãs/pagãs que ocorre em Portugal, ao longo do ano, com incidência na altura de Natal e Passagem de Ano, no Norte de Portugal, assim como no período de Carnaval. E durante o Verão, Agosto e Setembro, o enorme número de Festividades e Romarias existentes, dedicadas a santos e Nossas Senhoras, de Norte a Sul de Portugal. Não esquecendo Fátima, o ponto máximo de devoção e culto a um lugar e a uma Entidade Divina, no nosso país.

Entretanto, algo de mágico acontece. Muitas dessas festividades não ocorrem ao acaso durante o ano solar; elas ocorrem em datas específicas de perfeita comunhão com a

Natureza. Dias de Solstício e Equinócio são os dias escolhidos para tal ocorrência. É como se de uma partilha se tratasse com o que de mais puro e Sagrado a Natureza oferece. Como se fossem dias de festividade da Terra, nosso planeta e fonte vital para a nossa existência.

O ciclo anual de festividades que, eficazmente, continua a mapear, em alturas precisas os ciclos do tempo natural e da linguagem dos astros é uma das manifestações mais eficazes do Ser Humano pelo Mundo inteiro e uma forma de comunicar, enquanto espécie, que ainda aqui estamos.

A forma dedicada e efusiva como, durante o ano, pessoas de diferentes locais de Portugal oferecem parte do seu tempo à preservação, manutenção e prática destas festividades, são manifestações do Ser Humano, como espécie integrada na Natureza. Sendo assim, o Homem junta-se à festa, enriquecendo as festividades com arte, dança, cor, música e muita criatividade. São parte da Criação.

Em Portugal, existem inúmeras festividades a decorrer ao longo do ano e, todas elas, com um forte carácter Pagão. Os Caretos, as Máscaras, os Diabos, as Velhas, são elementos que comunicam uma certa fuga à ordem natural e à criação de um caos que precede a restauração da ordem divina. Simbolizam o renascimento, um ciclo, um novo fogo, um novo começo.

“«O saber popular (que significa Folk-lore) é na maior parte dos casos, o vestígio de um saber que transcende, inclusive o âmbito especificamente humano, e as tradições populares são, recorrentemente, vestígios deformados de elementos pertencentes a uma tradição instintiva 'memória colectiva' que se converte em depositária e que, não sendo muito fiel é sem dúvida, persistente.»” (Loução, 2007, p. 293)

Na minha ótica, todos estes elementos são formas de manifestação do Sagrado, materializados na construção de monumentos e na prática de determinados rituais. A criatividade, imaginação e devoção existentes na manutenção de todas estas práticas são como que uma corrente informativa que nos liga a todos, através do tempo e em toda a dimensão terrestre. Trata-se de uma informação global que percorre o nosso imaginário e à qual, mediante o processo criativo e de conexão com a fonte, nos é permitido aceder. Estas práticas são como o sangue que percorre as veias do imaginário, através de longas sinapses temporais que nos permitem, aqui e ali, no tempo certo e em alinhamento com os ciclos naturais, manifestar essa energia. A experiência que se obtém destas práticas tem um carácter libertador e atrai a energia necessária à sua manutenção. É como um recarregar de energia do próprio ser que promove a continuidade e a necessidade de transmissão ao próximo.

“«O homem é ao mesmo tempo sapiens e demens, racional e intuitivo, poeta e cientista. Vive num vaivém constante entre consciente e inconsciente. Escolher de forma exclusiva um destes elementos leva-o a um comportamento que o priva da sua humanidade e aproxima-o do comportamento animal com os seus corolários de violência, paixão, cegueira, barbárie. A sua humanidade reside precisamente na capacidade que tem em manejar esse paradoxo, essa ambiguidade natural. A dimensão espiritual e as suas funções, que a Modernidade relegou para a categoria de infantilismos, sem efeito nos comportamentos individuais e sociais, voltam a despertar interesse: os mitos, que se referem simultaneamente a várias dimensões da existência; os ritos e os símbolos, com a sua capacidade de conter vários significados ao mesmo tempo, são os instrumentos que ajudam a manejar a contradição, superando-a.”
(Loução, 2007, p. 46)

É importante lembramos que embora sejamos “treinados” para nos tornarmos máquinas da razão, seres racionais de inquestionável argumento retórico, o Ser humano tem a capacidade de transcender este atributo. É, simultaneamente, um ser sensível e racional e, dessa forma, está exposto ao Universo na mesma medida a que todos os outros seres estão. Contudo há um forte elemento que nos distingue: a consciência humana.

A consciência humana é o espectro de ligação entre sentimentos/emoções/mente, uma ferramenta valiosa de interação com o meio, relacionada com o sentido de moralidade e dever. Sendo assim é importante termos noção de que o ser humano pode captar frequências existentes no Universo, que vão além dos processos puramente racionais.

O mundo dos sentidos é um domínio, muitas vezes, castrado pelas justificações da mente. A nossa perceção do mundo é-nos dada de igual forma, em contextos culturais semelhantes, e somos conduzidos àquilo que nos apresentam como factos inquestionáveis. Muitas vezes, apenas com o passar do tempo e por nos sentirmos insatisfeitos, decidimos aprofundar as nossas pesquisas, questionando fragmentos da existência. Este padrão é recorrente em diversas áreas da existência humana, assim como o é no Sagrado.

Muita da nossa relação com o Sagrado não nos é transmitida de forma clara e se tentarmos encontrar correlações entre o Homem e o Universo, descobrimos um ponto indissociável de tudo o resto: a Vida para existir, tem de existir num meio que permita a sua existência. Nós, Seres Humanos, existimos, porque uma combinação de incríveis fatores naturais assim o permite e existimos dentro de um ecossistema, completamente correlacionado com a Natureza. Nós somos parte da Natureza. Nós Somos a Natureza, assim como todos os outros seres vivos e não vivos, inseridos dentro desse mesmo ecossistema. Assim sendo, tudo o que existe, existe derivado à Natureza. É Ela a fonte primordial que permite que Tudo exista. Deste modo, se algo de Sagrado existe neste ecossistema, à Natureza também diz respeito. E podemos provar isso com o estudo de antigas culturas e o culto sagrado à Deusa-Mãe. É a Deusa-Mãe que nos permite, viver, respirar, cultivar, comer, sonhar, amar, procriar e dar

continuidade à nossa evolução. Sem Ela, não estaríamos aqui e esta premissa justifica todos os cultos que lhe estão associados.

Contudo, a conexão com a Natureza permite-nos algo mais do que o simples sustento básico para a existência de vida. O entendimento das suas leis naturais permite aceder a um conhecimento valioso e alimenta a nossa consciência através de princípios específicos e fundamentais para o alinhamento com a ordem cósmica do Universo.

Essa Ordem Cósmica é, de certa forma, baseada numa Geometria Sagrada específica e construída com base em determinadas leis da física e da quântica, existentes em todo o Universo e encontradas também na Terra. É com essa ordem natural que todos os seres vivos e não vivos estão alinhados, dentro do nosso ecossistema e através dela que toda a informação flui.

Muitas das Antigas Culturas tinham a compreensão de que dessa fonte primordial da Natureza derivavam as leis máximas do Cosmos.

Os Egípcios e os Maias deixaram isso escrito nas pedras. Tudo o que era verdadeiramente importante para o conhecimento dessas leis, foi escrito em algo que pudesse perdurar ao longo de milhares de anos, como se da mensagem principal se tratasse.

Obviamente que se analisarmos, exclusivamente, através de métodos científicos e racionais todas as informações deixadas por muitas destas culturas, podemos concluir que não passam de símbolos artísticos, criados por vontade própria dos seus criadores, sem nenhuma outra motivação.

Contudo, não creio que as Pirâmides do Egipto tenham sido construídas pelos Egípcios, com o simples intuito de criarem um túmulo para o seu Faraó. Existe uma vontade aliada ao conhecimento que, por vezes, não conseguimos descortinar. Porém o propósito é sempre mais elevado do que aquele que imaginamos e, a meu ver, todas essas manifestações de criação, de construção de templos em determinados lugares, são traduções de uma vontade subliminar da Natureza. É como se a Natureza necessitasse do Homem para manifestar a sua vontade, construindo monumentos simbólicos e deixando inscrita nessas formas de manifestação sagrada a chave mestra do conhecimento para a Harmonia Universal.

2.3. A matriz celta e indo-europeia

“O ser humano tem essencialmente duas formas estruturais de pensamento, o pensamento racional-por-conceitos e o pensamento-por-imagens. A primeira forma está relacionada com a mente conceptual, analítica, com o que vulgarmente denominamos por razão, e utiliza o neocórtex do cérebro como veículo do corpo físico. A segunda forma está relacionada com o pensamento simbólico, com a imaginação, a analogia e a teoria das correspondências, e utiliza como veículo o sistema límbico do cérebro. Desde há séculos a educação tem primado por desenvolver a mente conceptual, racional, e tem atrofiado a mente intuitiva e simbólica.”(Loução et al., 2007, p. 14)

Já tive oportunidade de referir, anteriormente, que considero que o Ser Humano é um ser sensível e sensitivo, para além de mental e racional. No entanto, ao longo de várias centenas de anos, esse lado mais racional tem vindo a ser progressivamente estimulado, traduzindo-se no fortalecimento do ego, o que nos impede de alargar a visão para outras perspetivas de ver o mundo. Estamos presos a um conjunto de teorias inventadas pelo Homem, assim como a padrões sociais, culturais e religiosos que, ao longo da vida, não nos atrevemos a questionar. Aceitamos tudo como se o mundo fosse assim e sempre o tivesse sido. Contudo, existem conceitos sociais, culturais, religiosos e de perceção das leis naturais que, até há algumas centenas de anos atrás, eram distintos.

Por exemplo, a conceção Celta do tempo era bem diferente da nossa conceção atual – isto, para não ir mais longe com toda a civilização Maia e toda a sua complexidade de calendários - os Celtas, que residiram durante várias centenas de anos no espaço geográfico delimitado pela Península Ibérica, foram um conjunto de povos, pertencentes à família linguista indo-europeia que, de certa forma, se espalharam por todo o Oeste europeu a partir do segundo milénio a.C.

“«Segundo a visão do mundo dos Celtas, o tempo não constitui uma mera sucessão em que o passado, o presente e o futuro são unidades independentes umas das outras. Com efeito, os diferentes momentos que compõem o tempo são apreendidos com uma relação de contiguidade. Deste modo, o passado pode ser visto como o presente, ou o que ainda é mais interessante, o passado e o presente podem ser tempos coincidentes.”(Loução, 2007, p. 44)

Estes povos Celtas foram, na sua maioria, conquistados e integrados pelo Império Romano, que os sujeitou a um enorme processo de aculturação, fazendo-os abandonar as suas práticas e crenças religiosas e sujeitando-os a uma prática de cristianização forçada.

Antes da chamada mediatização ou globalização, existia uma diversidade de povos que tinham a sua própria compreensão do Universo. Antigamente, não existia um *standard* de informação e um *mindset* Mundial, assim como também não existia uma língua única. Cada povo tinha a sua própria forma de conexão com a Natureza para poder enriquecer a sua cultura e viver em paz. Os Celtas eram, sem dúvida, um desses povos. Praticantes do politeísmo eram detentores de um pensamento mítico-religioso muito forte.

Segundo Georges Dumézil, as sociedades indo-europeias estavam divididas em três funções: Sacerdotal, Guerreira e Produtora. Tendo cada uma delas as suas respetivas “castas” e subdivisões originaram, posteriormente, a divisão em Clero, Nobreza e Povo.

Para essa função sacerdotal e dos grandes mistérios da Natureza, os Celtas tinham destacados os Druidas. Sacerdotes espirituais que viviam, essencialmente, nos bosques sagrados, junto a grandes árvores e conhecedores das leis naturais que regiam todo o Universo.

Posto isto, foi importante poder estudar, em linhas gerais, a própria natureza da cultura Celta. Na minha opinião, foram um povo, com verdadeira ligação à Natureza que residiu no nosso território e das suas práticas e costumes, resultou um conjunto de saberes e sentires que caracteriza de alguma forma o povo Português.

Aos Celtas, toda a ligação com a Natureza, as suas cerimónias, rituais e lugares sagrados, permitiu-lhes desenvolver um lado mais sensitivo de interiorização das leis do Cosmos. Parece-me óbvio que quanto mais tempo pudermos conviver num determinado meio, mais o iremos compreender, perceber e sentir.

Obviamente, não foi isso que o Império Romano interpretou do povo Celta, aniquilando muitas das suas práticas e propagando a nova doutrina do Cristianismo, chegando mesmo a, encontrando alguma dificuldade em eliminar este povo, mandar queimar um enorme conjunto de árvores e florestas, onde imaginavam viver os druidas, conhecedores de todo o ensinamento que fundamentava a cultura Celta, com o objetivo de vencê-los e de dominar o Mundo.

Esta breve introdução à cultura celta e aos processos de aculturação sofridos através da invasão do Império Romano tem como objetivo principal poder demonstrar que, aqui mesmo, no território Peninsular, outras culturas com outra forma de pensar e sentir, souberam conectar-se de forma distinta com a fonte primordial de todo o saber.

Viveram de uma forma diferente, em estreita ligação com a Natureza e, a partir daí, desenvolveram outra forma de sentir e de pensar. Foram somente extintos porque outra

cultura, provinda de Ego e de instinto guerreiro e conquista e com uma mensagem a proclamar não teve abertura para que a troca de informação fosse efetuada.

Contudo, a alma Celta e de todos os outros povos que residiram, por determinado período de tempo, na região da Península Ibérica, reside ainda no nosso “inconsciente coletivo” e em muitas práticas e costumes que foram, de modo mais ou menos subtil apropriadas pelo Cristianismo.

Ou seja, essa forte ligação à Natureza existe ainda em nós, Povo Português, e dessa ligação resulta um diverso leque de novas questões e características que podem mesmo simbolizar a forma de ser de um Povo, que embora pequeno, sempre demonstrou grande coragem e valentia, tendo o seu expoente máximo em toda a aventura mítica dos Descobrimentos Marítimos.

“A fim de compreendermos o inconsciente colectivo Português e, inerentemente, captarmos a sua psicologia profunda, os seus arquétipos, o significado dos seus ritos e tradições, é fundamental o estudo dos povos pré-romanos que habitaram o atual território português (no contexto da Península Ibérica) como da própria romanização.”(Loução, 2007, p. 249)

Grande parte destes processos de aculturação, seus possíveis motivos e protagonistas são o tema principal de investigação do Documentário Imago.

Contudo, a minha investigação é mais aprofundada. Procuo conhecer ao pormenor de que forma todo esse processo se foi construindo, quais os seus principais motivos e causas. Aquilo que conluo é que nós, enquanto Povo Português, temos muito do que a essas culturas dizem respeito.

3. O mundo Imaginal dos mitos e dos arquétipos

“Certos autores consideram que as tradições populares surgem espontaneamente no seio das populações sem nenhuma intervenção das elites. Não é esse o nosso modo de ver. Através da nossa observação da história, chegamos a conclusão de que todos os arquétipos, ideias ou símbolos que foram popularizados começaram por ser exclusivo de pequenos grupos de humanos que modelaram o tal «protófenomeno» de Goethe. Trata-se de um processo inerente à própria Natureza. Quando chega o «seu tempo», as «ideias» saem do seio de Maat e iniciam o seu processo de manifestação. Aqueles que estão com a consciência mais próxima do «mundo das ideias» captam-nas primeiro e colaboram com este processo natural. Por essa razão, tudo aquilo que passou a integrar o domínio do «profano», no tempo das origens, nos primeiros tempos da sua manifestação, fez parte do domínio do «sagrado», da sacralidade da descoberta, bem vivida pelos portugueses.” (Loução, 2007, p. 294)

Não foi a primeira vez que tive contacto com este tipo de informação. Em civilizações que pude estudar anteriormente, como a civilização Maia, existe uma correlação num espaço de tempo *continuum* e a noção da não existência do próprio tempo. Esse circuito de espaço de tempo *continuum* portador de todas as ideias, também conhecido por Zuvuya, era uma forma de aceder a informação inconsciente; seja através de estados alterados de consciência, através do consumo de determinadas plantas medicinais em cerimónias de iniciação, em viagens conscientes dentro dos sonhos, os sonhos lúcidos, ou estados de trance despoletados pela dança.

Estes estados alterados de consciência, trabalhados por especialistas, podem facilitar o acesso a informações interessantes e únicas existentes no nosso inconsciente, às quais, dificilmente, conseguiríamos aceder de outra forma.

Posto isto, por mais inconsciente e abstrato que seja o próprio inconsciente, ele coexiste dentro de um outro sistema, que pode ser o Planeta Terra que, por sua vez, coexiste dentro de um sistema mais amplo que é o Universo e assim por diante.

Para um entendimento mais detalhado desta forma de compreensão do Universo irei apresentar a forma de representação do Universo em Três Mundos de Henry Corbin. Para ele o Universo podia ser dividido em três mundos: o Mundo Inteligível, o Mundo Imaginal e o Mundo Sensível.

O Mundo Inteligível é composto por “Inteligência pura dos arquétipos inteligíveis. Mundo das ideias puras de Platão. (...) Dimensão da Natureza onde habitam os arquétipos puros do Bom, do Belo e do Justo. (...) Quando a consciência do Homem consegue aceder a este mundo, a alma iluminada adquire uma força poderosa.” (Loução et al., 2007, p. 18)

O Mundo Imaginal, “É um mundo intermédio entre as ideias espirituais e o mundo sensível. Nele situa-se o centro do mundo assim designado simbolicamente pelos antigos. É o lugar onde a imaginação, como órgão da alma, vai alimentar espiritualmente a sua interioridade, tendo assim uma vivência do sagrado. (...). Podemos relacioná-lo com o inconsciente coletivo da humanidade, que Jung provou existir independentemente do inconsciente individual” (Loução et al., 2007, p. 18)

Ele considera que o Mundo Imaginal é “Dimensão subtil da Natureza onde vivem os mitos, e ideias com forma. Os mitos vivem e têm força enquanto veiculam energia proveniente dos arquétipos puros (espirituais). Por exemplo, se um Homem capta uma ideia mas não a concretiza ela deixa de o habitar, ficando só casca mítica.” (Loução et al., 2007, p. 18)

E, por fim, O Mundo Sensível, “Mundo Físico das formas concretas, da manifestação final. (...) Esta cosmovisão que transcende a dialética do dualismo reabilita o valor da imaginação como órgão da alma que pela «via interior» se alimenta de imagens que contêm luz arquetípica no mundo imaginal. (...) De algum modo o instinto representa o nosso passado animal, a razão o presente consciencial e a imaginação o futuro. Nesta perspectiva, o nosso futuro já está inscrito nos símbolos da tradição universal da humanidade que o nosso pensamento simbólico pode captar.” (Loução et al., 2007, p. 19)

Sendo assim, aquilo que compreendo é que a informação existente é de constante acesso. Ela pode viajar, por longos períodos de tempo, nesse mundo imaginal e cabe-nos a nós, Seres Humanos, criarmos métodos eficazes de acesso a essa informação, de forma mais ou menos consciente, para que consigamos obter mensagens úteis e passíveis de serem materializadas no mundo sensível, ou seja, no mundo histórico, realidade em que vivemos.

Para além disso, parte do nosso inconsciente está constantemente mergulhado nesse mundo imaginal, independentemente de qualquer tipo de ritual ou processo que se possa ou não fazer. Parte do nosso inconsciente coexiste nessa dimensão e envia-nos informação em forma de arquétipos e mensagens que, em determinado momento, seremos capazes de entender ou identificar.

Funcionam como padrões de uma dimensão superior. Símbolos evoluídos, e encriptados que, com maior ou menor intensidade, chegam até nós e estão presentes nas nossas vidas.

“Os arquétipos vivem no mundo espiritual das ideias puras e manifestam-se nos mitos que tomam forma no mundo imaginal. Esses mitos, essas «ideias simbólicas ou arquetípicas» podem ser captadas por um núcleo humano e corporizadas na história, ou seja, no mundo

físico onde se manifestam aquilo a que chamamos os factos concretos.”(Loução et al., 2007, p. 23)

Posto isto, penso que, quanto maior for a simbiose de um povo, de uma cultura ou de um indivíduo com a própria Natureza, mais acesso a uma determinada geometria do saber ele tem. E, por isso, a construção de um ideal que esteja longe desse meio, na minha ótica dificilmente terá sucesso e perdurará.

É este o verdadeiro ponto que me inquieta com o desenrolar do tempo - o caminho que o Ser Humano está a traçar. Cada vez mais afastado de tudo o que é natural e com um circuito de ensinamentos montados que, cada vez mais, o direcionam para o afastamento do meio natural, do contacto com a Natureza e com a sua própria essência. Vive, hoje em dia, em grandes cidades rodeado de tecnologia que o afasta de uma pesquisa mais orgânica do Ser, vivendo a um ritmo vertiginoso que nada tem de natural e perdendo, desde cedo, o contacto com a própria terra.

“A raiz desta catástrofe pode situar-se, sem dúvida, no progressivo esvaziamento da alma como elemento mediador entre o corpo e o espírito. De facto, quando o mundo da alma desaparece, fica um enorme espaço vazio entre o mundo espiritual e o mundo material, os quais não podem assim comunicar.”(Loução, 2007, p. 94)

Muitas vezes, damos por nós rodeados de pessoas manifestamente céticas que referenciam o trabalho e o dinheiro como principais objetivos, valores distantes de todos os rituais de iniciação com a Natureza, toda a sabedoria de ciclos naturais como o ciclo solar e lunar, assim como toda a sabedoria de plantas e minerais, existente noutras culturas.

Portanto, ao longo dos tempos, todo este caminho percorrido, faz com que a teia para o nosso despertar seja cada vez maior. Os sonhos e o acesso a esse mundo imaginal é cada vez menos compreendido e creditado, remetendo todo o universo espiritual e de conhecimento do Sagrado para algo que suscita estranheza.

Sendo assim, neste mundo que nós próprios construímos, o universo do sensível perde cada vez mais força e, conseqüentemente, a nossa ligação com o mundo imaginal fica enfraquecida. Corremos assim o risco de, muita informação importante e registada pelos povos da antiguidade ser esquecida. Informação essa, relativa à fonte primordial da Natureza e à qual todos podemos aceder.

Como tal, podemos dizer que:

“(…) toda essa porção, essencial e imprescritível do homem, a que chamamos imaginação, banhada de pleno simbolismo, continua a viver dos mitos e das teologias arcaicas. Só do homem moderno depende, dizíamos, ‘despertar’ esse inestimável tesouro de imagens que ele traz consigo; despertar as imagens, para contemplá-las na sua virgindade e assimilar a sua mensagem. (...) Os psicólogos na primeira fila - entre os quais C. G. Jung - mostraram até que ponto os dramas do mundo moderno derivam de um desequilíbrio profundo da psique, tanto individual como colectiva, provocado em grande parte por uma esterilização crescente da imaginação. (...) Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade, pois o poder e a missão das imagens consiste em mostrar tudo o que permanece refractário ao conceito. Assim se explica a desgraça e a ruína do homem que ‘não têm imaginação’: ele está privado da realidade profunda da vida.» (Loução et al., 2007, p. 23)

É como se, de algum modo, esta corrente de afastamento da Natureza que considero existir há muito tempo, derivada, maioritariamente, ao processo de aculturação por parte do Cristianismo, nos encubra o potencial existente na verdadeira conexão do Homem com a Natureza, privando-nos assim da comunicação com o Sagrado e de toda essa mensagem Divina.

3.1. A Origem do nome Imago

A origem da palavra Imago, para este documentário, deriva do tal cruzamento com o mundo imaginal. Intersectando informações relacionadas com os universos coletivo, pagão e cristão, ele pretende correlacionar arquétipos do nosso inconsciente com todo o universo da mensagem do próprio filme. A Natureza, a Árvore, o Feminino, o Centro do Mundo (Axis Mundis), as Antigas Culturas, Tradições Pagãs, os ritos e mitos, as lendas, os lugares Sagrados de antigas culturas, a aculturação desses mesmos ritos e lugares sagrados, o Cristianismo e o nosso retorno à Natureza. Toda esta informação está, a meu ver, encriptada dentro dessa mesma palavra – Imago - que acaba por funcionar como mensagem metafórica desse mundo imaginal e seus diversos elementos, no universo do filme.

4. A importância dos Lugares Sagrados

“Aceitando esta visão alargada do mundo, visitar um lugar mágico, não é apenas permanecer num lugar físico e observá-lo com os nossos sentidos físicos é também, sem stress, psíquico ou mental, dar espaço para que a sua esfera imaginal, possa comunicar com o nosso órgão da alma: a imaginação. (Loução et al., 2007, p. 19)

Entendo como Lugar Sagrado, para este documentário, um lugar considerado de culto, que pode ser de uma antiga cultura ou mesmo de uma cultura existente, na atualidade. Esta definição de lugar sagrado inclui, como já tive oportunidade de referir anteriormente, os cromleques, os menires, os dolmens, as antas, os castros, as capelas, as igrejas, os mosteiros, as catedrais, os santuários. Obviamente, não os incluí de igual forma e, por isso, farei por explicar a minha visão.

Primeiramente, um lugar sagrado não é algo que se escolhe individualmente. Ele resulta de uma comunicação interna e externa com o meio; neste caso, com a própria devoção do Homem com o Divino, da sua comunicação com a Natureza, transformando algo de imaterial em Sagrado. Ele reúne questões relacionadas com o culto, a devoção, a fé e com a prática na presença do lugar.

Inicialmente, todos os lugares sagrados se encontram na Natureza. Só posteriormente, depois de algo divino se manifestar, é que o homem constrói naquele lugar, algo que celebre esse evento especial, considerado Sagrado.

Para defender toda esta minha análise, terei de regredir um pouco mais no tempo, no que diz respeito a antigas culturas. Irei, inicialmente, fazer uma breve contextualização histórica, no que diz respeito à ocupação territorial da Península Ibérica por parte de outros povos, no decorrer da última centena de anos e, em seguida, farei por abordar questões básicas de geobiologia, megalitismo e Linhas Ley.

Recuemos no tempo, um pouco mais.

4.1. Breve Contextualização histórica da Península Ibérica

“No caso da antropologia e historiografia atuais, aceita-se que o homo erectus já habitava o território peninsular há um milhão de anos (paleolítico inferior - 1000.000-125000 a.C), cerca de novecentos mil anos depois surge o homo sapiens neanderthalensis (paleolítico médio - 125000-35000 a.C). O homo sapiens sapiens só chegaria 37 mil anos atrás iniciando a era do

paleolítico superior (35000-8000 a.C.). São desta época as gravuras ao ar livre do vale sagrado de Foz Côa e as surpreendentes pinturas das grutas de Altamira. (...) Já no V milénio a.C. aparecem os primeiros monumentos megalíticos. Os dólmenes, tholos, menires e cromeleques iriam povoar parte do sul de Espanha, todo o Ocidente Peninsular, o norte litoral da Península e a zona pirenaica durante vários milénios. (...)

Os III e II milénios a.C. são preenchidos pelo Calcolítico e pela Idade do Bronze que dá início à metalurgia na Península Ibérica. No Bronze Final (1500-900 a.C.) estão documentadas invasões de povos indo-europeus da cultura de campos e urnas (tem origem no centro da Europa, Boémia, Alemanha centro-oriental e Hungria) que se estabelecem em várias regiões da Península, tais como o nordeste (...) É neste período, talvez no final, que se encontram as raízes da chamada cultura castreja, a qual dominou o Noroeste Peninsular e teve tanto impacto na região que os seus ecos chegam até aos dias de hoje.” (Loução et al., 2007, p. 25)

Todos estes povos que ocuparam, ao longo de várias centenas de anos, o território Peninsular foram explorando culturalmente o território, à sua maneira. Cada um com o seu próprio sistema de crenças, mitologias e estratificação social. Podemos dizer que, no decorrer de todo este tempo, somos a soma de um processo de aculturação gigante e complexo e que resultamos de uma sobreposição de camadas culturais que, quando percebidas e interpretadas, nos trarão grandes vantagens.

É assim importante olhar para o saber popular ou para um lugar sagrado de uma antiga cultura, como se de uma mensagem se tratasse e não como algo atrasado ou primitivo. É óbvio que, hoje em dia, podemos afirmar que temos mais tecnologia e conhecimentos, mas essas antigas culturas tinham outras formas de fazer circular a informação e de comunicar o seu saber. Poderia enumerar diversos exemplos de construção de monumentos sagrados, como por exemplo, as Pirâmides do Egipto que, até hoje, não sabemos ao certo como foram construídas; as estátuas dos Rapa Nui na Ilha da Páscoa, cuja origem dos massivos blocos de pedra permanece uma incógnita; os grandes blocos de Stonehenge, que dizem ter sido trazidos de uma distância significativa, uma vez que, naquele local, não existiam pedras com tal dimensão e daquele tipo de minério.

Não é a minha intenção criar com isto, qualquer tipo de especulação no que diz respeito à construção de lugares sagrados. Aquilo que quero tentar provar é apenas e só que foram construídos em determinado local e não em outro, como se, de certa forma, de uma manifestação da Natureza se tratasse. São o reflexo do Homem enquanto extensão da Natureza com o fim de manifestar algo de Divino e Sagrado.

Posto isto, irei começar por abordar questões relacionadas com as energias telúricas da Terra, ou seja, analisar questões relacionadas com a Geobiologia do planeta e forças existentes que

poderão ter influenciado os povos de antigas culturas a construírem determinados monumentos em determinados lugares sagrados.

Começando por breves noções de Geobiologia:

4.2. Geobiologia

A Geobiologia é a ciência que trata da interação do homem com o meio que o rodeia. O termo, embora recente, descreve uma das mais antigas práticas de radiestesia, analisando os diversos tipos de ondas naturais e artificiais a que estamos expostos.

“Segundo a Geobiologia, a Terra é percorrida pela denominada rede Hartmann, cujas linhas têm 21 cm de largura e seguem exatamente a direção norte-sul e oriente-ocidente. Estas linhas distam entre si 2,5m na direção este-oeste e 2m na linha norte-sul. Oblíqua 45° a esta rede existe uma outra chamada Curry. (...) Segundo Kathe Bachler, as linhas Curry e os veios de água subterrânea são os elementos geobiológicos que mais prejudicam a saúde, quando o Ser Humano recebe as suas vibrações durante muito tempo, por exemplo, no local onde dorme. Estas frequências vibratórias, Curry e Hartmann, têm sido verificadas exaustivamente nos cinco continentes e por milhares de radiestesistas. As medidas que designamos podem ter variações e as linhas Hartmann em certos locais podem apresentar uma configuração mais ou menos serpenteada. Realizou-se uma experiência muito interessante com os índios norte-americanos, verificando os radiestesistas que, após certas cerimónias tradicionais, a distância entre as linhas Hartmann se alongava.” (Loução, 2007, p. 78)

Começando pelo princípio, podemos considerar que existem linhas energéticas no planeta que funcionam como meridianos e que as suas correlações no espaço podem ditar determinadas energias ou frequências de vibração capazes de afetar o campo eletromagnético do planeta e até mesmo os Seres Humanos. Estamos, de certa forma, familiarizados com este conceito, mas numa outra vertente. A acupuntura, da Medicina Tradicional Chinesa, já não é uma ciência estranha e está cada vez mais instituída na nossa sociedade, que aos poucos a foi credibilizando. A Acupuntura exerce os seus efeitos através da estimulação de terminações nervosas existentes em pontos específicos do nosso organismo. Esses pontos são correlações desses diversos meridianos existentes no nosso organismo e são como canais por onde o Chi, ou energia vital, percorre o nosso organismo. Com o conhecimento exato, o estímulo de determinados pontos dos meridianos tem a capacidade de reequilibrar as energias do corpo e dos órgãos.

De certa forma, a leitura dos meridianos terrestres pode ser equiparada à dos meridianos do corpo humano.

Posto isto e segundo o modelo teórico proposto por alguns geobiólogos, as correlações aplicadas entre a geobiologia e o modelo anatómico humano não diferem assim tanto. Jacques Bonvin um dos defensores desse modelo diz:

“os dólmenes estão situados numa zona neutra da quadricula Hartmann, tendo água subterrânea por perto mas não no local central da anta. Portanto, o interior do dólmen constitui um espaço Yin (princípio feminino, cultos à Deusa-Mãe), em princípio um bom lugar para se permanecer. O menir, pelo contrário tem características fortemente Yang (princípio masculino – cultos solares; segundo certa etimologia proposta por Roso de Luna, os men-hirs seriam «homens de fogo»), ou seja, está situado numa confluência entre linhas energéticas Hartmann e Curry, e veio de água subterrânea.” (Loução et al., 2007, p. 84)

Tendo em conta este paralelismo, impõe-se as seguintes questões: Será que os nossos antepassados pensavam isso ou será que eles sentiam isso? De que forma é que este tipo de informação lhes poderia chegar?

As investigações realizadas durante as últimas décadas permitem-nos obter surpreendentes conclusões acerca da verdadeira motivação para a construção deste tipo de edifícios megalíticos e sua repercussão espiritual nas comunidades que as construíram e utilizaram.

A nova ciência da arqueoastronomia, que se encarrega de estudar a funcionalidade astronômica dos monumentos antigos:

“(…) demonstrou que a maioria dos megálitos europeus mantém uma estreita relação com certas efemérides cósmicas; por exemplo os solstícios, os equinócios, os eclipses solares e lunares, etc., mas também denota conhecimentos astronómicos mais avançados, tais como o conhecimento da precessão equinocial ou a relação da Lua com as marés; complicando-se este último aspecto quando descobrimos que os construtores de megálitos eram, muito provavelmente, marinheiros que porventura dominariam técnicas de navegação muito avançadas para a época. (...) as áreas megalíticas, limitam-se na maioria dos casos a zonas muito circunscritas bastante próximas da beira-mar. Acontece que os megálitos parecem ser ferramentas muito úteis para a previsão das marés.” (Loução et al., 2007, p. 32)

Acontece que estes conhecimentos tão amplos e avançados de matemática e geometria, não combinam de todo com a ideia tradicional que temos da pré-história e, obviamente, todo este conhecimento não surgiu espontaneamente.

Se analisarmos culturas antigas, uma após outra, iremos encontrar um denominador comum a todas elas - a sua forte conexão com a Natureza e com as leis naturais do Cosmos. Esse

conhecimento, muitas das vezes, não é um conhecimento da esfera racional, mas sim da esfera do sentir. Sentir as frequências, sentir a vibração da Terra, o que ela nos diz, entrar em conexão. Obviamente, hoje em dia, isto parece-nos bastante ridículo, dada a distância a que estamos desse mesmo ponto de interação. São cada vez mais os artefactos que nós próprios criamos para nos distrairmos do essencial, toda a tecnologia artificial alheia aos circuitos naturais do saber.

Contudo, e voltando ao mundo do megalitismo, para ampliar ainda mais a informação foi descoberta uma correlação entre os diversos monumentos megalíticos existentes ao longo de toda a Europa, nomeadamente, na Península Ibérica. Nas suas investigações Alfred Watkins, arqueólogo e fotógrafo amador, denominou essa correlação de Linhas Ley:

4.3. Linhas Ley

As Linhas Ley são:

“(...) linhas retas, invisíveis ao olho humano e telúricas, que unem com uma precisão matemática os antigos lugares sagrados megalíticos da Europa, sejam estes marcos, túmulos, círculos de pedra, dólmenes, menires, acampamentos pré-históricos ou montes. (...) As «ley» são também chamadas «linhas de luz». Para Watkins, essas linhas eram antigas vias de peregrinação pagãs que ligavam os lugares de culto. Chegou à conclusão de que qualquer linha que unisse pelo menos cinco lugares justificava a presença de um destes caminhos processionais.”(Loução et al., 2007, p. 21)

Se realmente existe algum tipo de intencionalidade na construção destes lugares de poder, diz Watkins:

“há que de deduzir que os homens dos tempos antigos sabiam muito mais do que imaginamos: eram capazes de situar as suas construções em lugares onde podiam sentir, aproveitar e potenciar essas poderosas energias telúricas, lugares onde era possível realizar rituais de iniciação, cerimónias sagradas ou onde podiam atingir estados alterados de consciência.”
(Loução et al., 2007, p. 21)

Contudo, os povos das construções megalíticas não foram os únicos a saber detetar este tipo de informação ou a sentir estas energias:

“Os povos célticos conheciam estas correntes subterrâneas da terra, às quais chamavam wuivres (que significa cobras, consideradas uma espécie de espírito da Terra) porque deslizavam sobre o solo, marcando caminhos e redes de energias, podiam ser benéficos para o homem. Os lugares habitados pelas wuivres eram, para os celtas, lugares tradicionalmente mágicos.” (Loução et al., 2007, p. 21)

Incidindo num ponto comum aquilo que podemos deduzir é que, muita desta informação, destes ou de outros povos, reside claramente na forma de interagirem com o meio que os rodeia. Havia tempo para perceber o tempo ou para perceber que não havia tempo a perder. A conexão era sem dúvida outra, mais natural, mais orgânica, mais unificada. E, todo esse tempo para observar e sentir só pode ser desencadeado pela região cerebral mais intuitiva, mais sensitiva que está ligada ao “órgão da alma”, à imaginação, fazendo-os crer naquilo que estavam a experienciar, em determinados momentos e instigando o desejo de manifestação do Sagrado, no mundo material. O Sagrado não é mais do que um libertar a nossa mente da necessidade de ter razão, dando possibilidade para que um lado mais sensitivo do Ser possa ganhar espaço e perceber a unidade em que está inserido e da qual faz parte. Grande parte desses seres da antiguidade sabiam e sentiam isso. Talvez com menos consciência do que a que temos agora e menos evoluídos em determinados aspetos do cérebro, mas mais conectados com a fonte, porque a sua vida era a Natureza: caçar, comer, dormir, estar atento a tudo, ter conhecimento intrínseco dos animais e das plantas para a sua própria sobrevivência, observar as estrelas e os ciclos para se poderem proteger ou cultivar colheitas futuras. Aqui se inclui ainda o conhecimento das energias telúricas para, em determinados pontos, construírem locais de repouso ou de cerimónias específicas.

Terminar dizendo que a fonte tem sido sempre a mesma: a Natureza. E ainda que nos esqueçamos disso, criando realidades desarmoniosas, Ela continua cá a suportar-nos, com tolerância e Amor permitindo-nos, ao nosso ritmo, concluir que a Ela tudo devemos.

Gostaria de terminar este capítulo com uma citação de José Alexandre Cotta, referente aos lugares Sagrados:

«No que se refere às Antas, Menires, Cromeleques (...) e Alinhamentos (...) o estado em que nos encontramos é determinante, ou seja, se nesses monumentos só sentirmos que estamos diante de um conjunto de pedras, então elas reagirão em conformidade: serão somente pedras, tão ‘brutas’ e fechadas quanto os observadores. Se, no entanto, interagirmos com elas, com respeito e consideração (...) então essas mesmas pedras começam a ‘falar’, a revelar os seus segredos (...).» (Loução et al., 2007, p. 84)

5. A Herança do Paganismo e a consequência no nosso imaginário

“«A invasão da Hélade pelos dórios, entre os séculos XII e VIII a.C., provocou a desintegração das crenças religiosas primitivas que o universo micénico soubera preservar, mantendo um equilíbrio justo entre os poderes matriciais da Terra e o espírito fecundante do Céu.» Inicia-se um ciclo de mutação profunda na mentalidade ocidental que vai conduzir à perda gradual da compreensão das funções mítica e iniciática na sociedade humana. Neste quadro nasce a espantosa aventura da filosofia, iniciada na Grécia clássica do século VI e V a.C., mas que contém à nascença o germe desse fenómeno surpreendente que Henry Corbin apelidou de catástrofe metafísica do Ocidente. Em paralelo dá-se a emergência das três religiões do Livro (judaísmo, cristianismo, islamismo) que vão perdendo as chaves esotéricas da sua doutrina, «purificando» as suas mitologias «historiciando-as» perdendo assim a visão cíclica do tempo e afastando-se da vivência sacral da Natureza; muita da sabedoria antiga vai ficando remanescente na religiosidade popular.”(Loução et al., 2007, p. 16)

Não me podendo alargar tanto quanto gostaria, penso que a ideia a reter é a de que existe e sempre existiu, uma quantidade de informação que se perde quando há um confronto ou uma batalha que não seja regida pela lei da troca.

Ao longo de todas estas centenas de anos, em grande parte das batalhas travadas, houve cerca de 50% de informação que se perdeu. E muitos dos textos de outras culturas que hoje chegam até nós, são transcrições da interpretação dos factos da própria cultura vencedora. Só para termos uma noção, os Celtas transmitiam o seu conhecimento de forma oral, defendendo que a escrita degenerava a memória.

Posto isto é importante referir que, com a chegada do Cristianismo, houve uma tentativa de aculturação muito forte desses saberes antigos.

“Nunca é demais salientar que o termo pagão léxico latino pagus, significa «aldeia do campo». Como o cristianismo, de início, se desenvolveu sobretudo nas grandes metrópoles do Império Romano, e só com o decorrer dos séculos é que os camponeses - naturalmente muito ligados aos cultos agrícolas e aos donos da Terra - foram cristianizados, embora, muitas vezes, apenas na forma, começando então a ser chamados depreciativamente de pagãos, porque ainda estavam aferrados aos cultos não-cristãos. Depois, começou-se a utilizar o vocábulo paganismo para todos os cultos que não fizessem parte das três religiões do Livro, o que é extremamente redutor dado o número de formas religiosas que a humanidade conheceu e conhece.” (Loução, 2007, p. 233)

Assim, é de enorme importância aquilo que podemos inferir. O que hoje chamamos de Paganismo é algo que só pode existir de um ponto de vista cristão e que inclui todas as práticas que não são cristianizadas ou que fogem a esse domínio. Como tal, o Paganismo ou o valor simbólico da palavra remete-nos para o que sempre fomos e reúne aquilo que sempre fizemos, ao longo do tempo, cultura após cultura. Na base desse Paganismo reside a nossa forte ligação com a Natureza, o nosso contacto direto com o Sagrado e fonte primordial do Divino.

Tudo o que se seguiu, foi mera institucionalização do Sagrado e dessa própria conexão livre.

Gostaria ainda de referir que, na sua essência, a base do Cristianismo era munida de grande poder e sabedoria. Parece-me claro que Jesus Cristo foi um grande mestre do saber e que, graças ao seu elevado aperfeiçoamento espiritual, se tornou um verdadeiro mensageiro Divino e mestre fundador de uma religião.

Contudo, a mensagem que proclamava e ensinava, não é a que hoje chega até nós, através de uma Igreja Católica Envelhecida e despida dos seus verdadeiros poderes.

“(…) na antiguidade, a Religião era algo muito mais complexo, profundo e extenso do que o sentido que hoje se dá a essa palavra. (...) A religião tinha uma infinidade de matizes quanto à sua intensidade, que podemos agrupar em dois grandes blocos: o exotérico e o esotérico. O primeiro agrupava todas as crenças e festividades religiosas populares, tradições, procissões, ‘jogos’ e competições de carácter sagrado, cultos aos antepassados e aos espíritos da natureza. O segundo [esotérico] era como o coração de tudo o resto: estava oculto, mas o seu ritmo e vivência alentava toda a forma de fé e conhecimento.”(Loução, 2007, p. 221)

Fernando Pessoa dizia:

“Da face exotérica formaram-se como todos sabemos, a Igreja Católica, a Igreja Ortodoxa (Oriental), e as Igrejas Protestantes. Infelizmente todas elas se desligaram do cristianismo esotérico nunca constituindo uma religião integral (os Templários tentaram viabilizar esse projecto), ou seja uma religião que, para além do culto exotérico mantivesse vivo o esoterismo filosófico como o esoterismo operativo. Pelo contrário os esoteristas foram sempre perseguidos. Sem a comunicação entre o esotérico e o exotérico, mesmo a prática mais exotérica fica empobrecida. Por outro lado, só o esotérico estabelece uma ligação real entre a religião temporal, a grande «Religião da Natureza» e esse *continuum* mágico da tradição esotérica universal. Esse corte entre o esotérico e o exotérico estanca a «Água da Vida».” (Loução, 2007, p. 225) (OUTRO BOM EXEMPLO)

Finalizando e resumindo, gostaria que ficasse bem presente a minha intenção na realização deste trabalho. Toda a investigação levada a cabo para a construção deste documentário,

não tem qualquer intenção de minimizar ou maximizar uma tradição ou cultura perante a outra e sim realizar um tributo a todas elas.

Partindo do universo megalítico, passando pela matriz Celta e Indo-Europeia, Lugares Sagrados de Aculturação Cristã e, por fim, o Cristianismo, todos estes momentos são universos de forte inspiração pessoal. Surgem, neste filme, de igual forma ao nível da importância e saber.

Relativamente ao Cristianismo, matéria que gostaria de ter aprofundado, importa dizer que existe muito conhecimento que nos foi vedado. Conceções como o culto da morte, o medo do inferno, a diabolização de saberes existentes no interior de Portugal e da própria Península Ibérica foram, a meu ver, ao longo dos anos, realidades criadas e construídas, através de uma forte apropriação mental, que nos privou da ligação individual com a Natureza.

A forma como o Cristianismo se deixou corromper teve um papel importante e de carga bastante negativa, em todo este processo. Resta agora sentir e tentar perceber de que forma isso aconteceu e fazer por passar às gerações futuras uma mensagem mais clara e real, de comunicação com o Sagrado.

2ª Parte

A construção do real: da antropologia à poesia das imagens

6. Da antropologia à poesia das imagens

Todo o processo de investigação e as questões colocadas no decorrer destes capítulos, não são simples processos retóricos de análise de temas. Serviram como pilar fundamental que, como realizador, usei para estruturar todo o processo narrativo do documentário. Sem todo o processo de investigação e cruzamento de dados seria impossível construir um documentário, somente com imagens, sons e música, num universo poético onde a única ferramenta para construir uma narrativa e fazer passar a mensagem, seria o próprio domínio do som e das imagens.

Sendo assim, gostaria de referir que esta foi a melhor forma que encontrei para construir um filme, partindo de um ponto de partida antropológico, construindo através do real e caminhando para uma dimensão poética, onde as imagens e o som pudessem, por si só, abordar todo este universo. Sinto que, através da montagem, as imagens têm uma dramaturgia própria que, no cinema, é de extrema importância e que deve ser tida em consideração.

Para além disso, um dos meus principais motores internos de motivação é o registo de pessoas, culturas e tradições. É isso que me motiva no documentário e que me faz gostar do que faço, a necessidade que sinto de registar algo de que gosto e que considero valioso. Sendo assim, e com a necessidade que tive em realizar este documentário, achei por bem, colocar a vontade pessoal ao serviço de uma vontade maior e alargar o espectro de realização e produção deste trabalho a questões relativas ao património material e imaterial do nosso país.

Comecei por fazer uma seleção vasta de lugares, tradições e cerimónias que foi diminuindo, progressivamente, à medida que ia construindo toda a narrativa do filme. A ideia sempre foi registar esses lugares da forma como eu os imaginava, dentro de uma estrutura narrativa que servisse a montagem e a mensagem do filme e que nunca compromettesse a veracidade dos factos. Sendo assim, é aqui que me baseio quando falo de construção do real, a partir de um ponto de vista antropológico. A base do documentário sempre foi o real. No entanto, fiz por construir essas imagens da forma mais bela possível, utilizando sempre uma espécie de “tratamento criativo da realidade” usando a celebre definição de John Grierson (Nichols, 2005, p. 51), respeitando aquilo em que acredito ao nível da composição da imagem e da

iluminação, respeitando o meu próprio imaginário e o imaginário pretendido por mim, para o filme.

Ora sendo a imagem uma forma de registo de culturas, coloco-me num perfil de Perspetiva Consumidora da Antropologia Visual (Rapazote, 2007, p. 88), fazendo por aliar a minha própria vontade à necessidade de registo de determinadas tradições e lugares sagrados do nosso País.

A Antropologia assim como o Cinema são construções criativas da realidade, são visões estabelecidas através do ponto de perceção de um indivíduo ou conjunto de indivíduos.

Como tal, foi interessante fazer uma investigação dos diferentes locais e tradições que fundamentavam todo o meu universo de investigação. Ficar a saber mais sobre cada um deles e todas as questões adjacentes estudadas pela própria Antropologia, facilitou a criação de ligações entre os lugares e tradições, permitindo correlacioná-los numa estrutura narrativa e de mensagem para o próprio filme.

É importante realçar que conheço o significado por detrás de cada um desses monumentos e existe uma justificação narrativa para a sua própria sequência na narrativa do filme. A importância da tradição cristã/pagã, como o Chocalheiro da Bemposta ou a escolha do Convento de Cristo, seguida da procissão do Enterro do Senhor na Semana Santa de Braga, apresentam-se como escolhas baseadas em pesquisa prévia e colocadas num lugar específico do filme, com o objetivo de fazer passar determinada mensagem.

Com o conhecimento antropológico prévio de cada um desses elementos fui capaz de construir a estrutura narrativa, baseada em símbolos e opções que terei oportunidade de aprofundar, no capítulo seguinte.

Na minha ótica, um trabalho com estas características, visual e sonoro, só faz sentido se as próprias imagens forem apelativas e se, na própria abordagem a esse trabalho, houver conteúdo. Ou seja, ou existe um forte conhecimento da matéria que permita estabelecer correlações entre as imagens e os temas ou, se houver uma aleatoriedade na construção fílmica, ou alguma fragilidade no aprofundar da temática, os resultados poderão ficar comprometidos.

Para além disso, senti que tinha de haver quantidade e qualidade de informação. Primeiro, para que o filme pudesse envolver o espectador durante um longo período de tempo e depois, para que esse espectador pudesse encontrar pontos de ligação, referência ao seu próprio real, que o fizessem refletir acerca de determinados pontos que lhe são familiares.

Penso que com um filme, mais curto, de menor duração isso não seria possível.

7. A Visão do Autor na Estrutura Narrativa

“Certamente a linguagem é importante nos filmes, mas há mais nos filmes que linguagem. Creio que podemos dizer que, em alguns aspetos, filmes realizam a tradução cultural e nisso está implicado tratar a cultura como um texto, ou, dito de outro modo, que se pode ver um filme do mesmo modo como se lê um texto. Mas de diversas maneiras o filme é bem diferente de um texto.

Um filme é um encadeamento serial de imagens sobre um assunto. São imagens de objetos, pessoas, eventos, ações. Por isso, antes de dizer que um filme é linguístico, temos que reconhecer que a abertura em direção a esses outros materiais permite ir além da experiência objetiva das pessoas e dos eventos pessoais. [...] Um filme é antes de tudo uma representação sobre pessoas, objetos, ações e em muitos casos podemos dizer que o filme é pré-linguístico, ou seja, que aspetos pré-linguísticos nele estão incluídos.” (Caiuby & Municipal, 2007, p. 182)

Farei agora por desvendar muitos dos processos e questões que foram surgindo ao longo de todo o período de realização do documentário Imago.

Sendo o universo do tema vasto e complexo e tendo cerca de nove meses para o poder realizar, desde logo, identifiquei a necessidade de encontrar um ponto de construção interno que pudesse servir de guia e condutor da mensagem, mediante os temas investigados e os locais e tradições específicas a que me conduziram.

Sendo assim, na estrutura narrativa este documentário está dividido em três mundos distintos, três atos de uma narrativa clássica, uma personagem de sexo feminino, que percorre os três mundos e que se vai transformando à medida que os vai atravessando e uma árvore que funciona como eixo do filme, fazendo por dividir e estar presente sempre que um desses mundos termina e outro começa. Não considero este momento da árvore como um quarto mundo porque, na minha perspetiva, é um ser omnipresente em todos os outros mundos. Farei por justificar ponto por ponto, estes elementos.

7.1. Estrutura Narrativa com base na Investigação

Devo começar por dizer que estes elementos não foram escolhidos ao acaso. Eles inserem-se num grupo de arquétipos que está envolto dentro do imaginário que sempre idealizei para este filme. Como pude referir no capítulo anterior, as imagens e símbolos deste filme são retiradas de um conjunto de temas que estão interligados entre si. O elemento feminino, que é a personagem que circula entre os diferentes mundos, está diretamente ligado à árvore,

também ela um elemento feminino da própria Terra. Ambas geram vida e através delas existimos. Sendo assim, todos os elementos foram escolhidos através de uma mensagem própria de construção fílmica e narrativa e através do conjunto de informações que chegou até mim, ao longo do processo criativo do projeto Imago.

7.1.1. O arquétipo da Árvore

A Árvore é “um dos símbolos universais mais presentes em todas as mitologias, em todas as tradições e religiões, em todas as civilizações proto-históricas (desde o Antigo Egipto à China arcaica) e que, necessariamente, sobrevive no imaginário colectivo da Humanidade, manifestando-se ainda hoje, com toda a sua força de estrutura dinâmica das profundidades anímicas, nas lendas, nos contos, nos mitos e, obviamente, no universo onírico” (Pontes, 1998, p. 198)

O arquétipo da Árvore é um elemento fundamental para a estrutura narrativa deste documentário. A introdução deste elemento tem o objetivo de fazer a ligação entre os diferentes mundos do filme. Funciona como eixo central, como tempo comum e indefinido ao qual a personagem retorna, após cada viagem.

Paralelamente, a Árvore simboliza um ser antigo, que vive muitos anos e como, de certa forma, os diferentes mundos do filme apresentam uma significativa diferença temporal, seria necessário eleger uma entidade credível que, dentro desse imaginário, cumprisse a função de os relacionar.

Sendo assim, fundamentei-me no arquétipo da Árvore da Vida e Árvore Cósmica. Na mitologia nórdica, por exemplo, existe *Yggdrasil*, uma árvore colossal, colocada no centro do universo, que fazia a ligação entre os diferentes mundos mitológicos.

É nas raízes mais arcaicas de toda a mitologia que podemos encontrar a Árvore, como um ser privilegiado de contacto entre três mundos, o mundo subterrâneo, a superfície e os céus.

“Símbolo de ascensão, a árvore traduz inevitavelmente esse anseio que a humanidade carrega desde sempre de alcançar - renunciando a fraquezas, a incapacidades e a defeitos - a realização espiritual. [...] Ela tornou-se pois, desde tempos longínquos, ao testemunhar um diálogo íntimo entre o céu e a terra, o símbolo vivo de uma lei universal que exige que o homem mantenha e cultive o equilíbrio entre as forças ctonianas e os poderes ouranianos, entre o lado instintivo e o lado espiritual.” (Pontes, 1998, p. 202)

Paralelamente a toda esta simbologia, existe no elemento da Árvore uma forte ligação com o mundo feminino, também presente no documentário.

“(…) a árvore tem pois em comum com a Mulher o acto sagrado que, desde sempre, assegura a vida: ambas trazem dentro de si em si, o fruto que continua a existência.

Imbuída pois de uma função de gestação, a Árvore da Vida e todas as árvores em geral, simbolizam o instinto feminino da maternidade. (...)”(Pontes, 1998, p. 204)

Contudo, o elemento feminino não está, exclusivamente, presente na interligação da Árvore com a mulher. Essa energia feminina está patente em todo o documentário, em correlação com a própria energia da Terra, que defendo ser a força matriz de comunicação, neste planeta.

A Árvore existe também como a mensageira deste documentário. Um ser antigo e da Natureza que partilha connosco todo este imaginário e que, na sua subdivisão física, também possibilita o elo de ligação entre esses três mundos - o mundo subterrâneo, o mundo da superfície e o mundo dos céus - abrindo assim a ligação para os três mundos existentes no filme.

7.1.2. O elemento Feminino (Personagem)

O personagem de sexo feminino aparece aqui como um Ser que nasce da Natureza e que vai alterando o seu comportamento com o desenrolar da narrativa do filme e dos diferentes mundos por onde vai viajando.

O elemento feminino é fundamental por justificações semelhantes às que apresentei anteriormente, acerca da Árvore. Um ser que transporta a vida, que gera vida, arquétipo de continuidade, em estreita ligação com a energia feminina do planeta.

Posteriormente, debruçar-me-ei sobre a divisão entre os três mundos do filme e a forma como a personagem se vai alterando, em cada um deles.

7.1.3. Os três mundos

Através da construção do processo narrativo e confrontado com a necessidade de criar uma ordem para o aparecimento das imagens, resolvi fazer a divisão do filme em três mundos distintos. O Mundo das Antigas Culturas, o Mundo da Aculturação e o Mundo do Cristianismo. Estes três mundos surgem, de certa forma, por ordem cronológica, ao longo do filme. Sendo o Mundo das Antigas Culturas um mundo mais distante e de forte ligação com a natureza, o Mundo da Aculturação, um mundo intermédio de passagem e o Mundo do Cristianismo, embora atemporal, considerado o mais próximo da atualidade.

7.1.3.1. Mundo das Antigas Culturas

Este mundo é o mais distante a nível temporal mas o que demonstra uma relação mais direta com a natureza, através da personagem e dos locais escolhidos.

Neste mundo, pretendo proporcionar uma viagem pelo universo da Pré-História, fazendo com que a personagem se mova em lugares que selecionei, previamente.

O Cromeleque dos Almendres, em Évora, o Menir do Outeiro, em Monsaraz, as Buracas do Casmilo, em Condeixa, as Gravuras Rupestres ao ar livre do Vale do Côa, a Anta de Zedes em Carrazeda de Ansiães, são os elementos resultantes da seleção de um vastíssimo leque de outros lugares que foram excluídos, na construção do processo narrativo.

A ideia é a de que a personagem se comporte de forma primata no contacto com os elementos primordiais da natureza, como a terra e o fogo.

Refiro mesmo que as gravuras do Vale do Côa foram, pela primeira vez, filmadas com a luz natural do fogo, ou seja, da forma como foram criadas, no passado. Esta foi uma escolha propositada com o intuito de criar um universo cada vez mais denso, dentro da dimensão temporal.

Ainda dentro deste primeiro mundo, existe um ponto de viragem da personagem que resulta do confronto entre ela e outro elemento retirado da tradição cristã/pagã existente no norte de Portugal: o Chocalheiro da Bemposta.

De forma muito resumida, o Chocalheiro da Bemposta é uma tradição pagã que foi aculturada, ao longo dos anos, por intermédio do Cristianismo. É, claramente, uma tradição guerreira, que inclui o uso de uma máscara e símbolos muito próprios. Passo a citar:

“O Chocalheiro de Bemposta é tido como a figura do Diabo, ou do Demónio, e o seu especto terrífico a isso o induz, espontaneamente. A sua máscara com chifres parece ter uma inspiração de origem africana. De resto está todo vestido de preto, com atributos normalmente relacionados com o Demónio, tais como a barbicha de bode, e a serpente que o rodeia na cintura, que, no fundo, são símbolos pré-cristão de simbolismo milenar. Os chifres possuem nas extremidades duas maçãs ou laranjas...” (Loução, 2007, p. 387)

Já há muito tempo que este ritual é praticado em Bemposta no concelho de Mogadouro, no dia 24 e 25 de Dezembro e no dia 31 de Dezembro e 1 de Janeiro.

“Desde há muitos anos que este ritual é realizado em cumprimento de promessas. Quando alguém está muito aflito faz a promessa ao Deus Menino de fazer de Chocalheiro nesse ano. Na noite anterior à efetivação do ritual acontecem as «mandas» uma espécie de leilão para se protagonizar o ritual. Os valores das mandas chegam a atingir largas centenas de euros. São

realizadas num lugar em segredo e aquele que mais «mandar» até a meia-noite fará na manhã seguinte de Chocalheiro – ou pedirá a alguém para o fazer em seu nome.” (Loução, 2007, p. 387)

Trata-se de uma tradição pagã que foi apropriada, ao longo dos anos, através dos cultos cristãos, ou seja, uma apropriação do Sagrado, aquilo que defendo neste trabalho.

Tendo este fator em mente, no processo de construção narrativa, a personagem tem um confronto com este ser que simboliza um ser já aculturado. Um ser que outrora foi livre mas que sofreu um processo de aculturação, processo ao qual a personagem será também submetida.

Relembro assim que todo este universo foi criado através de imagens e elementos do real, sobre os quais me fosse possível construir a mensagem pretendida.

A interação destas personagens surge sob a forma de um frente a frente, de um conflito interno, em que o elemento feminino coloca a máscara do Chocalheiro e se transforma no próprio Chocalheiro. Surge a representação simbólica de que, em cada batalha, a informação do vencedor prevalece, logo a história é construída a partir daqui.

Após a batalha, o elemento feminino aparece num local onde tinha aparecido, previamente, durante a noite. Surge agora de dia, ao amanhecer, no centro de uma mandala e deitada no chão.

Neste ponto, aquilo que pretendo simbolizar é a morte da nossa ligação com a Natureza, a morte daquilo que nos une ao universo das antigas culturas e da sabedoria ancestral. Posteriormente, a mesma personagem deixa de aparecer nua e coloca uma capa preta, símbolo de devoção a um outro universo sagrado. A capa preta simboliza ainda, aquilo que está oculto, o sagrado que nos é negado, as mensagens que não chegaram até nós.

Partindo de um elemento feminino - corpo de mulher exposto e natural - que é simbolicamente coberto, estabelece-se a correlação com o afastamento do universo sagrado. Em última instância é evocada “a caça às bruxas”, sendo intencional o plano em *fade out*, em que há a sobreposição da fogueira e da personagem.

Neste primeiro mundo, a transformação da personagem, ao longo da narrativa, é sinónimo da morte da nossa ligação com a Natureza e conseqüente esquecimento da energia feminina da Terra.

7.1.3.2. O Mundo da Aculturação

No segundo mundo, como referido anteriormente, optei pela escolha de locais sagrados, onde é visível a aculturação cristã.

Os locais escolhidos foram os seguintes: N^a Senhora da Boa Estrela, na Serra da Estrela; N^a Senhora da Lapa, em Vieira do Minho; Anta Capela de Pavia, ou Capela de São Dinis, em Pavia; Lapa de Santa Margarida, na Serra da Arrábida. Posteriormente, há ainda a chegada da personagem, a um quinto lugar de aculturação que é a Capela do Senhor da Pedra, em Gulpilhares, Vila Nova de Gaia.

Exemplo perceptível de um local de visível aculturação é a Anta Capela de Pavia, uma Anta de enormes proporções que foi transformada em capela cristã, em nome de São Dinis. Ainda que pudesse ter optado por outro tipo de processos de aculturação, o tempo de que dispunha e os objetivos traçados para este documentário, não me permitiram fazê-lo. As opções tomadas possibilitaram a transmissão da mensagem pretendida, dentro do universo visual e sonoro do filme.

Neste segundo mundo, a personagem envergando a capa preta, entra numa espécie de transe de peregrinação. A ideia base é a de que a personagem faça um percurso pelos locais acima referidos, com uma carga manifestamente “pesada”, estabelecendo uma ligação com a peregrinação existente, na atualidade.

A peregrinação enquanto meio de cumprimento de uma promessa pressupõe sacrifício.

Daí deriva o facto de a personagem caminhar descalça, nos diferentes momentos, seja na neve, ou em qualquer outro lugar onde apareça.

Todo este processo de peregrinação, na minha perspetiva, não tem fim e representa de forma simbólica, um transe hipnótico que nos aprisiona, enquanto humanidade. Assim, é propositada a transversalidade e permanência da peregrinação, ao longo deste segundo mundo

7.1.3.3. O Mundo do Cristianismo

No terceiro mundo, as opções de tradições e lugares para caracterizar o universo cristão recaíram sobre o convento de Cristo, em Tomar, a Semana Santa em Braga e as comemorações de 12 e 13 de Maio, em Fátima.

Aqui, e de forma deliberada, a personagem não aparece, com o intuito de representar o afastamento da mulher e do elemento feminino de todo o universo cristão.

As mensagens que pretendo transmitir, com as opções narrativas introduzidas no terceiro mundo, são várias.

Em primeiro lugar, o facto de a personagem só voltar a surgir no final do terceiro mundo, simboliza que, ainda que oculto, o feminino está subliminarmente presente no universo cristão.

O terceiro mundo está subdividido em dois submundos. O primeiro, da Semana Santa em Braga, significa para o filme, o ponto máximo do culto ao monoteísmo. Ou seja, passamos do culto à Deusa-Mãe, para o culto do Pai e do Pai para o Filho. A noção de Sagrado que nos é apresentada pelo Cristianismo assenta um código de conduta, com base no bem e no mal e no alcançar da felicidade pela via do sofrimento, reflexo da distorção da mensagem de Jesus Cristo.

Contudo, não pretendo transmitir esta ideia de forma depreciativa até porque os lugares escolhidos são de enorme valor, como é o caso do convento de Cristo e da sua belíssima Charola Templária, com a via Sacra tão bem representada. É sempre uma forma de construção do real e de fazer passar a mensagem do filme.

Neste primeiro submundo, que considero monoteísta e de forte ligação à energia masculina, estão então presentes as celebrações da Semana Santa em Braga, mais propriamente a procissão do Enterro do Senhor, celebração de intensa carga emocional.

No segundo submundo optei pelas cerimónias de 12 e 13 de Maio no Santuário de Fátima. Primeiramente, o que me fez ir filmar Fátima, foram questões de produção. As celebrações estavam inseridas dentro do prazo possível para a realização das filmagens, ou seja, durante o mês de Maio. Para além disso, é sem dúvida das maiores manifestações de Sagrado existentes no nosso país. Prova disso é o facto de, cerca de 200 mil pessoas, partilharem em silêncio a noite da Procissão de Velas ou prestarem culto, no Santuário, a N^a Senhora de Fátima. É neste ponto que me concentro. Poderia, obviamente, apresentar diferentes manifestações de Sagrado com cultos a outras N^a Senhoras no país, mas nenhuma delas me permitiria concluir de forma tão impactante o documentário, como o culto a Fátima.

No que diz respeito à forma narrativa, mantive a opção de continuar de noite, preservando um *racord* visual e emocional com a procissão da Semana Santa em Braga, para estabelecer uma coerência narrativa e envolver este terceiro mundo num espaço particular do dia, onde a luz existe de forma distinta sob o firmamento.

Sendo assim, as questões que coloco no culminar deste terceiro mundo são: Que culto é este a uma N^a Senhora e que move tanta fé? Até que ponto difere este culto (que representa, neste filme, todos os outros cultos a N^{as} Senhoras) do culto à energia feminina da Deusa-Mãe? Não estará esta mensagem de certa forma encriptada na mente e no coração de todas as pessoas? Pretendo promover a reflexão destes pontos, fazendo por registar de forma intensa e sentida, toda esta cerimónia e apresentá-la como escolha narrativa, quase no final do filme.

Após toda a explicação da estrutura narrativa e das diversas opções tomadas, penso que fica clara a complexidade de todo o processo de tradução da mensagem, em som e imagens.

“os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social. O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá-lhes uma voz própria. Eles são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer.” (Coelho, 2012, p. 239)

Porventura poderão surgir questões relacionadas com um tratamento criativo no que diz respeito, principalmente, à produção das imagens.

Em todo o processo de captação de imagens, estiveram presentes a sensibilidade e o bom gosto, na captação e construção de cada plano, tanto da minha parte como da parte do Diretor de Fotografia. Foi um processo discutido exaustivamente e que mereceu a nossa maior atenção.

Optamos por filmar em determinadas alturas do dia, nascer e pôr-do-sol, para conseguirmos obter uma linguagem específica no que respeita às linhas de luz e às sombras. Obviamente, todo este processo foi intencional, com vista à obtenção de um ambiente mais cinematográfico e ao registo mais apelativo, de cada momento e lugar. A opção pela resolução de 4K teve como intuito o posicionamento vanguardista, desse registo. A pretensão foi a de realizar um registo, com as melhores condições técnicas possíveis, de forma a salvaguardar a qualidade da imagem, para registo documental futuro.

Quero com isto dizer que, esta abordagem mais cinematográfica não deve invalidar, em nenhum ponto, as questões de registo antropológico, etnográfico ou mesmo arqueológico, de cada um dos elementos registados.

Pretendo, assim, comunicar a visão de autor e a intenção de um filme, com ambientes visuais e sonoros que devem, evidentemente, respeitar o imaginário dentro do próprio filme e fazer por cumprir o seu papel, como objeto fílmico com uma mensagem específica.

8. A voz do documentário e um documentário sem narração

Gostaria de começar este último capítulo, referindo que a investigação que suporta a realização deste trabalho ocupou apenas um ano. É um universo que considero bastante pertinente, consubstanciado em várias matérias, nas quais me considero um iniciado.

Muitas vezes me interroguei acerca da capacidade de transmissão da densidade de informação, num filme sem narração associada. Questionei, por diversas vezes, a necessidade da presença de um narrador em partes específicas do filme, para, de alguma forma, ajudar a conduzir a mensagem.

Optei por não o fazer pelos motivos que enunciarei. Primeiro, porque, como realizador, sinto que a minha ferramenta principal são as imagens, os sons e as emoções que consigo transmitir através da própria montagem destes dois elementos. Acredito que a imagem e o som podem preceder ao verbo e, através da construção de metáforas visuais, produzir uma narrativa que conduza o espetador dentro de uma emoção que me permita chegar ao seu próprio imaginário, fazendo-o questionar aquilo que está a ver. Atingir estes níveis de comunicação só é possível se houver um estudo aprofundado dos elementos que constituem o filme, inserindo-os dentro de um conjunto de arquétipos familiares, onde a mensagem possa, finalmente, atingir o tal expoente máximo de comunicação, direta ou indiretamente. Em segundo lugar, se optasse pela condução de um texto, todo o trabalho de semiótica da imagem, de levar à exaustão a própria construção do real, seria simplificado. Tornaria o filme, em alguns momentos, mais explícito, mas também mais fechado e orientado de modo unilateral. É minha intenção que aqueles que desconhecem os conteúdos do Imago sintam o impulso de investigá-los e explorá-los, motivados pelas imagens apelativas e pela própria cinematografia. Quanto aos conhecedores das temáticas abordadas acredito poderem tirar conclusões mais aprofundadas do que as que eu próprio infiro, por possuírem uma sabedoria ampliada.

Contudo, gostaria de citar o excerto de uma entrevista de Bill Nichols, para complementar o meu raciocínio:

“O último exemplo apontado por Nichols será o de *An Injury to One* (Travis Wilkerson, 2002), no que ele implica haver uma semelhança entre o que o filme coloca sobre um incidente com os gansos em uma cidade, que se atiraram massivamente a um determinado local, como que chamando a atenção para este local; e o que o próprio Nichols sugere sobre os documentários: “Talvez utilizando a única maneira que conheciam, os documentaristas estavam tentando nos dizer algo, porque isso parecia ter passado despercebido. Às vezes pode ser a cena de um crime, às vezes pode ser outra coisa. Mas documentaristas têm uma voz parecida com aquela dos gansos. Eles falam através do que fazem e de como agem... de como compõem o seu

filme, ao invés de simplesmente por palavras”. [...] Eles nos direcionam para o que é visível, pois este é o domínio do cinema, mas que ainda pode não ter sido visto ou percebido. E este ato de ver ou perceber é o que os grandes documentários fazem: eles nos ajudam a ver coisas de modo como nunca antes as havíamos visto”. E essa nova forma de ver “não ocorre, a menos que essa visão seja posta num corpo concreto e tangível: num filme, feito de sons e imagens (...)”. (BONOTTO, 2009, p. 254)

Com o *Imago*, partilho esta visão na medida em que aponto a direção para um universo que considero urgente resgatar. Um universo que aborda questões pertinentes para nós, seres humanos, e que transporta na sua forma uma outra necessidade: a de, através do recurso ao som e à imagem, registar todo um conjunto de elementos culturais que urge serem registados, para lá das vertentes turística ou institucional.

Tento assim, com um filme destas características, para além de registar esses elementos, colocá-los ao serviço do que eles próprios têm para comunicar à humanidade. A importância de todos os temas que o *Imago* aborda, questões de apropriação do Sagrado, a aculturação e a perda de alguns saberes e tradições são, para mim, o elemento chave que nos pode salvar deste mundo mental, construído pelo Ego e estimulado pela sociedade em que vivemos.

Sendo assim, um documentário com estas características, para além de sensibilizar o registo visual cuidado de um determinado conteúdo patrimonial, pode dar uma dimensão mais específica à mensagem que pretende transmitir, através da construção de ambientes sonoros e visuais próprios, que permitam ao espectador ter tempo e espaço para refletir e sentir, transportando-o para novos níveis de entendimento.

Através da não palavra ofereço, ao espectador, a lentidão de movimentos e uma suave forma de perceber o real. É propositado, em diversos momentos do filme, o uso de *slow motion* para construir momentos longos e contemplativos que promovam a análise sensorial.

Através de um universo mais limitado, traduzido num menor número de lugares registados ou num filme de menor duração, não conseguiria criar um mundo favorável à reflexão e que permitisse ao espectador mergulhar nessa mensagem.

9. Conclusão

Gostaria de finalizar este ensaio com a seguinte reflexão: o que me move no documentário é o interesse em registar algo que me inspire, aliado à necessidade maior de registar o real, tendo em mente que a combinação destes fatores pode surtir efeitos positivos, alargados à sociedade e ao mundo em que vivemos.

Sou fascinado por imagens, por enquadramentos e pela beleza das coisas. Poder inserir o que vejo dentro de um enquadramento que, posteriormente, me possibilita contar uma história, através de uma narrativa visual e sonora capaz de gerar emoções é o que me impele, dia após dia, a tentar melhorar o meu trabalho. Foi inclusive por isto que ingressei neste Mestrado. Contudo, também sou fascinado por aquilo que, para mim, tem valor e luto por transmitir essa mensagem quando sinto que ela deve ser transmitida.

Neste projeto, em particular, o que considero de suma importância é o tema de investigação que selecionei, ao fim de vários meses de pesquisa - a relação com o Sagrado, a sua apropriação e a nossa ligação com a Natureza. Uni uma combinação de universos que me dizem muito: a ligação com o Divino e a forma como construiu e constrói toda a nossa existência, as antigas culturas e todo o meu fascínio por esses povos antigos, toda a cinematografia que isso me permite obter e, finalmente, o registo como forma de preservação do real.

Contudo, a ideia de registo não é a de trabalhar no sentido de transformá-lo num produto comercial e/ou turístico. Nesse ponto, existem já muitas pessoas a fazê-lo. A ideia é a de investigar profundamente os temas, senti-los intensamente para, posteriormente, os poder compreender e transmitir.

Sendo assim, coloco todo o trabalho realizado numa dimensão de carácter cultural e de valorização do património. Prestando um serviço importante no que diz respeito à preservação de culturas, lugares e tradições de parte de Portugal Continental.

Como tal, mesmo que este projeto sirva para divulgar Portugal numa vertente mais turística, ele divulga Portugal com essência, retratando o que de mais profundo reúne na sua cultura, pessoas e imaginário.

É nesta dimensão cultural e de divulgação do património que situo este projeto e, com ele, pretendo apontar uma direção, enquanto realizador e investigador, onde sinto existir um forte potencial de trabalho com diversos temas a necessitarem de ser registados, através de visões elaboradas e de carácter artístico e cinematográfico.

“o cinema é um modo de expressão como mil outros. (...) Não há técnica para abordar a verdade. Só uma posição moral pode abordá-la. (...) A câmara é como uma pena de caneta, é

uma bobagem qualquer, não tem nenhum valor se não temos algo a dizer” (Peixoto, 1999, p. 106)

O Cinema deve estar ao serviço de um bem maior, no seu processo evolutivo.

A Arte não funciona se for baseada em circuitos retóricos fechados que parecem ser entendidos por todos mas que, no fundo, não são sentidos por ninguém. Isto potencia o Ego do artista e faz com que passe bastante tempo a tentar explicar algo, que pode até nem ser do domínio do explicável. O Cinema enquanto Arte é um condutor de emoções, um perfeito veículo contador de histórias e de narrativas infinitas. Aliar esse forte potencial do Cinema a uma necessidade de registo do nosso património pode originar uma combinação pertinente e bastante necessária para podermos entender e dar a entender as nossas origens.

Concluir dizendo ainda que foi com total devoção e entrega que realizei este trabalho e que investi todo o meu conhecimento, primeiro na investigação, depois na produção e, seguidamente, na realização de todo este projeto. Foi por sentir a dimensão e importância do objeto em causa e da sua mensagem que dediquei todo este ano à sua execução.

Não havendo possibilidade de, fisicamente, viajarmos no tempo, resta-nos viajar noutras dimensões, desse mesmo tempo. A imaginação e todo o nosso circuito imaginal de pensamento podem, simplesmente, ter criado tudo aquilo que nós conhecemos até aos dias de hoje. É sempre partindo de uma ideia que o mundo avança. A interpretação de antigas culturas com forte ligação à Natureza pode ajudar-nos a construir e a desconstruir versões já elaboradas de percepção do real, da forma como o conhecemos.

Percebermos onde essas construções estão montadas e pode-las trabalhar dentro de um universo de construção de imagens cinematográficas é, para mim, a essência fundamental do cruzamento do Cinema com estas áreas de investigação.

Gostaria de finalizar com uma citação de Fernando Pessoa que, de certa forma, reúne parte daquilo que senti enquanto me movia dentro de um processo criativo que incluiu espectros tão simbólicos da existência, como é o próprio tema deste trabalho.

«Primeiro, sentir os símbolos, sentir que os símbolos têm vida ou alma, que os símbolos são gente. Mais tarde virá a interpretação, mas sem esse sentimento a interpretação não vêm.»
(Loução et al., 2007, p. 19)

10. Bibliografia

- BONOTTO, A. (2009). Bill Nichols fala sobre documentário: vozes e reconstituições. *Doc On-line*, 6, 250–263.
- Caiuby, S., & Municipal, T. (2007). Filme etnográfico por David MacDougall. *Cadernos de Campo*, São Paulo.
- Coelho, S. S. (2012). A questão da autoria no filme documentário e o caso Jean Rouch : uma perspectiva de análise. *RuMoRes*, 233–252.
- Loução, P. A. (2007). *A Alma Secreta de Portugal*. (Ésquilo, Ed.) (6867.^a ed.). Rio de Mouro, Portugal: Circulo de Leitores.
- Loução, P. A., Martinez, T., & Callejo, J. (2007). *Lugares Mágicos de Portugal e Espanha*. (C. Leitores, Ed.) (11.^a–2007.^a ed.). Ésquilo.
- Nichols, B. (2005). *Introdução ao Documentário*. (P. Editora, Ed.) (Papyrus Ed). Campinas, São Paulo, Brasil.
- Peixoto, C. E. (1999). Antropologia e filme etnográfico: um travelling no cenário literário da antropologia visual, 91–115.
- Pontes, M. do R. (1998). A árvore : um arquétipo da verticalidade : contributo para um estudo simbólico da vegetação. *Revista da Faculdade de Letras : Línguas e Literaturas*, 15, 1998, p. 197-220.
- Rapazote, J. (2007). Antropologia e documentário: da escrita ao cinema. *Doc On-Line*, Dezembro(3), 82–113. Obtido de <http://www.doc.ubi.pt/03/doc03.pdf#page=88>